

N.º 23 Cada episódio é uma obra completa



AVENTURAS DE *Sherlock Holmes*



As joias da favorita



Redacção e Administração — Rua da Rosa, 105

— LISBOA —

As Joias da Favorita

por A. CONAN DOYLE

I

Um roubo atrevido

Por uma certa manhã de fevereiro, era ainda muito cedo, o inspector Snatterbox foi chamado pelo telefone ao escritório do chefe Scotland Yard.

Ao chegar lá encontrou-se na presença de um sujeito já edoso e a quem as grandes suissas brancas davam o ar de um laçao. Vestia um irrepreensível fato preto e ao ver o inspector inclinou-se com deferência.

— Chamo-me Frank Thomaz.

— Tenho muita honra em o conhecer.

O chefe da policia tomou então a palavra.

— O sr. Thomaz é o principal proprietário da grande joalheria Thomaz & C.^a, na Fleets-treet

— Ah! Trata-se então de um roubo?

O sr. Thomaz acudiu imediatamente.

— Adivinhou sr. inspector! Bem me queria a mim parecer que não tinha perdido o tempo em cá vir. E eu tinha especial empenho em que o meu amigo tomasse o negócio entre mãos pois que lhe posso assegurar que o broche indiano representa um valor, de, pelo menos quinhentas libras, não levando em conta a sua antiguidade.

— Como assim? disse Snatterbox.

— A joia de que falo é uma raridade que tinha adquirido, porque pertencera a Nena

Sahib a favorita do grande rajah indiano. Ofeceram-ma por um preço muito baixo.

— O caso é de suma importância, principalmente por causa da história que esse broche deve ter. Iria jurar em como a joia por ninguém mais foi roubada senão por qualquer dos inúmeros fanáticos de que a Índia está cheia ou então pela mesma pessoa que, naturalmente por estar completamente desprovida de dinheiro, lha vendeu.

O chefe de Scotland Yard olhou para o joalheiro como um olhar triunfante, como que querendo dizer «Hein? Tenho ou não tenho empregados habeis?»

Mas o sr. Thomaz abanou a cabeça com um gesto negativo.

— Anda muito depressa sr. inspector! Permita-me que lhe conte como o caso se passou, para que depois possa formar o seu juízo.

«Ontem ao meio dia ainda eu estava de posse da joia pois que a apresentei a um indivíduo elegantemente vestido, o qual porém não me quiz comprar. Mas hoje ao passar como de costume inventário às joias, dei pela falta do broche, que desaparecera juntamente com o estojo. E já agora permita-me V. Ex.^a que lhe diga que a dita joia a adquiri de maneira mais natural dêste mundo: Lembra-se ainda talvez de que, haverá coisa de três semanas, foi vendido em hasta pública o espolio de lord Palmerston, que estivera na Índia cerca de vinte anos. Foi nesse leilão que eu adquiri a joia.

Snatterbox tomou uns ares de quem está

entregue a profundíssimas cogitações. O nariz já de si de um tamanho rasoável assumiu proporções assustadoras, os olhos estavam perdidos no infinito e o dedo indicador espécava-se-lhe no queixo rombo.

— O caso não tem segredos para mim. Já vejo como tudo se passou!

Isto é que é um homem; exclamou o chefe da polícia.

— É como lhes digo! Tal e qual como succederia com Sherlock Holmes; Pensei reflecti e achei ou para dizer como Julio César *veni vidi, Victor* que é como diz; pensei, tenho-o nas mãos e chama-se Victor!

O oulives estava estarecido de bôca aberta.

— O' inspector você é sempre assim esperto?

— Pois então, que julga você? Não se é em vão condecorado pelo governo, *boxeur* e...

— Basta basta! interrompeu o chefe de Scotland Yard. Já se cá sabe tudo isso! Já lhe ouvi isto mais de que trinta vezes e até já o sei de cór. Uma vez que vê tudo claro, como acabei de dizer, diga-me pois o que é conveniente fazer-se para nos pormos já em campo.

Mas o inspector Snatterbox abanou a cabeça com alívio.

— Isso é que não vai nada!

— Como?

— Não me convém dizer já o que penso, Sherlock Holmes também não o faz.

Mas você não é Sherlock Holmes!

— Procedo cá como me parece! Tenho o meu método. Quer me fazer a fineza de me confiar o negócio unicamente a mim sr. chefe da polícia começarei imediatamente com as minhas investigações e prometto-lhe que dentro de três dias cá tem o ladrão.

O chefe da polícia levantou-se.

— Uma vez que o meu amigo, está tão seguro do exito, não tenho outro remédio senão deixar-lhe o pulso livre para fazer o que entender.

E dirigindo-se ao oulives,

— Queira ter a bondade de se entender com o sr. Snatterbox.

O joalheiro inclinou-se e seguiu com o inspector para um oponente contiguo. Snatterbox colocou-se na sombra, cruzou os braços sobre o peito levantou o nariz para o ar e disse;

— Que aspecto tinha o sujeito a quem o senhor apresentou primeiro o broche?

— Era um indivíduo cêrca dos quarenta anos,

— Elegantemente vestido?

— É verdade! Trazia um magnifico sobretudo ornado a pele de raposa e viera num excellent trem.

— Meu caro, todos os ratoneiros andam de trem.

— Perdão sr. inspector! não é tanto assim. As nossas primeiras personalidades londrinas andam igualmente de trem...

— O que não impede que os ratoneiros façam a mesma coisa. Queira pois ter a bondade de me levar á sua ourivesaria.

— Com todo o gosto sr. inspector. Se entende que deve principiar lá as suas investigações...

Meia hora depois, andava o inspector a fazejar todo o estabelecimento do joalheiro Thomaz; incomodou todos os compradores, e tornou impossivel a venda de qualquer objecto naquella manhã.

— Mostrou o broche a mais alguém, depois de o ter apresentado ao tal freguez de que me falou?

— Se foi êle a ultima pessoa a quem o mostrei, salta!!! Isto é lógico...

— Se a si lhe parece lógico sr. Thomaz, não segue daí que eu seja obrigado a pensar do mesmo modo! Em resumo depois o ter mostrado ao freguez guardou-o dentro do estojo?

Mas isso é que eu não posso dizer ao certo! Recordo-me sòmente de o ter deixado de parte, quando vi que o freguez não o queria comprar... e é dê-de êsse momento que lhe não tornei a pôr a vista em cima.

— Belo! Está pois convencido de que o tal sujeito é que foi o ladrão.

— Estou mas é convencido do contrário! o individuo em questão, tinha aparência de tudo menos de ratoneiro.

— E que mais compradores havia no estabelecimento nessa occasião?

— Ah! isso lá havia alguns, talvez uns cinco, mas quem os estava servindo eram os meus caixeiros.

— Donde se segue que voltamos ao tal sujeito de sobretudo de pele...

— Pois bem sr. inspector: dado o caso que o ladrão tenha sido o individuo da capa de pele, como é que o senhor pensa dar com êle?

— Disse o sr. que êle tinha chegado no trem...?

— Sim senhor.

— E como era esse trem,

— Todo o preto e puxado por um cavalo branco.

— *All-ight!* Não diga a mais ninguém que a joia se transviou e nada de tagarelar com os tipos das gazetas! Deixe cá o negócio por minha conta.

O joalheiro inclinou-se e Snatterbox deixou o estabelecimento.

O inspector dispunha de relações e conhecimentos que Sherlock Holmes não tinha. Era naquela ocasião uma das mais populares e conhecidas personalidades londrinas. Em todas as ruas o conheciam, e por toda a parte encontrava pessoas que tinham notícias para lhe dar. De modo que foi assim que depois de duas horas de investigação, durante as quais falou com quantos moços de esquina havia em Londres, que conseguira saber que o tal carro de aparência distinta tinha ido para a Bridge-street.

O inspector sentia-se com forças para lá ir têr. Mas, para mais, o acaso veio em auxílio dêlo. O carro atravessára pela ponte e voltara para Blackfriars Road. Ai chocara com um carro cheio de passageiros, e o polícia que aí estava de serviço fôra chamado por causa do incidente.

O funcionário da polícia pôde por meio do seu subordinado obter a informação de que a carruagem proseguira o seu caminho metendo pela Charlottstreet.

Aí por volta do meio dia, já o inspector preguntára a meio mundo acerca da casa onde se sumira o trem. Obteve o que desejava e ás quatro horas, quando já o crepusculo vinha descendo puxou a campainha da porta da casa que lhe tinham indicado.

Estava em frente de um grande portão todo armado de arabescos em ferro, e deixou errar os olhos por um jardim que apesar de se aproximar já a primavera, tinha um aspecto solitário e sombrio. Ao fundo entrevia-se uma casa apalaçada, cuja frontaria era sofrivelmente guarnecida por adornos architectónicos.

Vieram dois criados abrir o portão.

— Quem môra aqui? Lord Nelson.

— Sua excelência está em casa?

— Sim senhor; mas não fala a ninguém.

— Isso veremos! Vá anunciar o inspector da polícia, Snatterbox.

Os criados apresentaram então uma cara

muito apavilhada. Mas um dêles apressou-se a fazer o que diziam. Voltou daí a pouco e disse:

— Sua Ex.^a está pronto a recebe-lo, sr. inspector!

Cinco minutos depois o inspector encontrava-se em frente de um individuo de alta estatura, desempenado, vestindo com elegancia e ostentando uma bela barba loira, comprida e basta.

— A que devo a honra da sua visita, sr. inspector Snatterbox?

Entretanto êste passara em revista todos os nomes aristocráticos que conhecia em Londres; mas que demônio! semelhante nome é que lhe não lembrava! Nunca ouvira semelhante apelido.

Cruzou os braços no peito e olhou para o altivo e elegante senhor, durante uns dois minutos, muito silencioso.

Lord Nelson porém preguntou-lhe espantado:

— Porque fiça dêsse modo o olhar em mim? Que vem a ser isso?

O inspector disse então ferindo bem as palavras:

— Lord Nelson, o senhor tem em seu poder o broche de Nena Sahib?

O Lord mediu o inspector dos pés á cabeça.

— Parece que o senhor precisa de ir passar uma temporada numa casa de saúde! Em primeiro lugar o broche não tinha nada que vir cá fazer porque não tenho amantes; em segundo lugar, pelo que sei, Nena Sahib morreu já há uns vinte anos e em terceiro...

— Lord Nelson, disse o inspector tomando uns ares terríveis, o senhor é um ladrão!

O Lord olhou silencioso por espaço de meio minuto o inspector. Em seguida agarrou-o pela gola e levantou-o ao ar, de modo que Snatterbox dava a ideia de um bonifate mexendo braços e pernas; abanou-o violentamente por uns momentos e em seguida...

— Fez-lhe doer muito, inspector?

Era o criado de confiança do lord quem dirigia esta pergunta a Snatterbox depois de ter vindo auxiliar o patrão, atirando com o inspector pelas escadas abaixo...

Snatterbox nada respondeu. Apalçou o corpo, ergueu-se, pôz o capacete na cabeça, olhou para o criado com um olhar cheio de veneno e murmurou:

— Você naturalmente é gatuno também e o testa de ferro de seu amo!

Nunca, em toda a sua vida, o inspector fôra obrigado a despedir-se tão depressa. Dado mesmo que lhe poupassem o tê-lo feito descer as escadas todas de uma vez, também lhe não seria necessário o atravessar o jardim, pois que vouu, todo enrolado como um ouriço, como uma bola, pelo portão fôra, e não se tivesse êle detido casualmente e toda a Charlottestreet gozaria o espectáculo de ver o inspector Snatterbox a fazer investigações rápidas e involuntárias...

Chegou à rua num estado lastimoso. Mas não desanimou. Correu para o pósto da policia que encontrou mais perto e ordenou:

— A casa de lord Nelson deve ser cercada imediatamente. Tenho provas concludentes de que por detrás dêste nome se esconde um individuo que se entrega ao lucrativo mister de roubar ourivesarias!

Como Snatterbox fôsse um superior, os policiaes não opuzeram objecções nenhumaes às suas ordens. A casa de lord Nelson foi cercada pela policia e, quando o lord, nessa mesma tarde, intentou ir dar um passeio de carruagem, fez a desagradável descoberta de que lhe não era permitido que saísse de casa.

Cêrca das seis horas da tarde tocou a campainha do telefone em casa de Sherlok Holmes. Harry Taxon pôz-se a pé e tomou o auscultador. Minutos depois foi ter com o mestre.

— Sr. Holmes, lord Nelson manda-lhe pedir que intervenha junto da Scotland Yard para que o deixem em paz e metam o inspector Snatterbox numa casa de doidos.

Sherlock parou de fumar, espelindo para o ar uma baforada de fumo.

— Este lord Nelson parece-me ser um grande conhedor do que é a policia de Scotland Yard...

«O que temos?

— Venha o senhor mesmo ouvir, sr. Holmes.

O policia foi ao telefone.

— Quem fala? Aqui é Sherlock Holmes.

— Aqui lord Nelson. Sr. Holmes, peço-lhe que me acuda nesta ocasião. Julga ser possível que a um descendente directo do vencedor de Trafalgar se faça a afronta de o mandar guardar pela policia, só porque suspeitam que êle roubou uma jóia pertencente a um tal capitão de ladrões de nome Nena Sahib? Está tudo maluco!...

— Queira v. ex.^a sossegar. O que foi que aconteceu?

Lord Nelson deu então pelo telefone uma rápida descrição da cêna que se passára entre êle e Snatterbox.

Sherlock Holmes reflectiu um momento.

— O caso naturalmente ainda vai ser pior para v. ex.^a, embora até aqui só tenha revestido um aspecto cómico. Não está, infelizmente, na minha mão o impedir imediatamente que a vigilância continue, tanto mais que a ordem foi dada por um funcionário superior da policia. Mas vou já tratar do caso.

— Ora...--seguiram-se depois algumas pragas genuinamente inglesas -- pois julga que levarão o atrevimento até fazerem buscas em minha casa?

— Tenho muita pena que assim o incomodem: o inspector já tem feito tolíce por mais de uma vez. Peço que tenha paciência de sofrer esta pequena contrariedade... prometo-lhe que dentro de vinte e quatro horas... ainda aí está!

— Aqui Snatterbox, gritou alguém com voz completamente alterada, acabo de mandar prender sua ex.^a por três policiaes. Não se incomode, sr. Holmes. Não se importe para nada com êste caso. Já cheguei ao fim de tudo.

— Como?...

— Já achei o estojo no qual esteve colocado o broche de Nena Sahib!

Sherlock Holmes não respondeu logo, mas poz-se a olhar para o chão pensativamente.

— O joalheiro a quem provavelmente o broche foi roubado já reconheceu o estojo?

— Não há dúvida possível, sr. Holmes, pois que o estojo tem a firma: mr. Thomaz, Fleetreet. Que diz a isto, mestre? Desta vez venci!

Harry que escutava a conversa com o segundo auscultador, rangeu os dentes.

— Que descarado! Como se nós nos importassemos com essa história toda! Grande glória para êle o ter apanhado um ladrão!

E Harri Taxon pendurou o auscultador, sentou-se de novo e poz-se a acabar de escrever uma carta que já tinha quasi em meio. Mas com grande espanto seu notou que Sherluck Holmes andava para cá e para lá desasoessegadamente, até que por fim pegou no chapéu e na capa dizendo para o discípulo:

— Anda daí.

Harry Taxon estava já acostumado às repen-

tinhas resoluções do mestre e, por isso, não se se admirou de nada. O que o espantava é que Sherlock Holmes se quisesse meter abertamente no caso de que se tratava.

Mal tinha chegado à rua, o policia chamou uma carruagem.

— Vá o mais depressa que possa, a Fleet-treet, joalheria Thomaz & C.^a.

Vinte minutos depois o carro parou diante do estabelecimento da firma citada, um quarto de hora antes do armazem fechar.

O sr. Thomaz, que não reconheceu logo o grande policia, foi-lhe ao encontro.

— O que deseja v. ex.^a?

— Desejava certificar-me se o seu estabelecimento foi limpo ontem ou não.

O ourives olhou para quem lhe fazia tal pergunta e pensou por um instante se por acaso teria na sua frente o estabelecimento hoje não o fizemos. Andamos preocupadíssimos com um roubo que houve no meu estabelecimento...

— Belo! Queira ter a bondade de chamar todos os seus empregados.

— O quê?! Com que direito é que o senhor...

— Chamo-me Sherlock Holmes.

Este nome operava sempre maravilhas. O sr. Thomaz, embora muitas vezes milionário, inclinou-se profundamente e apressou-se a realisar as ordens do inesperado visitante.

O olhar do policia percorreu todos os vinate empregados, procurando ler-lhe nas feições... Em seguida dirigiu-se ao dono da casa e disse:

— Está bem, Queira dar-me os nomes e moradas de todos os seus empregados. Dir-lhe-hei amanhã de manhã quem cometeu o roubo.

O joalheiro olhou para o policia como que petrificado mas não ousou opor nenhuma objecção. Os empregados afastaram-se.

Entretanto Sherlock Holmes percorria o estabelecimento investigando. Parou em frente do balcão, inclinou-se e levantou do chão alguma cousa na qual ainda ninguem, até ali, tinha reparado; uma daquelas cousas que nada di-

dem e que se acha por toda a parte onde se encontra o homem.

Harry Taxon sabia muito bem que em semelhante ocasião não devia interromper o mestre. Esperou, pois muito calado, até ver que resoluções é que Sherlock Holmes iria tomar.

Finalmente, o grande policia assentou-se numa cadeira.

— Quando foi que a jóvem deixou o seu estabelecimento e que compras é que fez?

O joalheiro ficou boquiaberto sem saber o que havia de dizer.

— Ah, sim! desculpe, disse Sherlock, ainda me não tinha explicado. Estava no fim das minhas conclusões acerca do que penso, e sem que lhas diga o meu amigo não pode responder. A pergunta que lhe faço é a seguinte:

— Que senhoras recebeu ontem no seu estabelecimento?

— Ontem... ao todo três.

— Eram pessoas conhecidas?

— Sim, senhor. Uma era a duquesa de Lancaster, outra a filha do barão Rotschil de a terceira Madame Belzac, a espôsa de um politico francês.

— Nenhum desses nomes pode ser suspeito.

— Isso tambem a mim me parece, replicou o joalheiro respirando profundamente.

— Mas esteve cá uma outra dama.

— Queira desculpar, sr. Holmes, se às suas afirmações tenho a opôr alguma objecção. Bem sei que os feitos de v. ex.^a como policia são maravilhosos. Mas o que eu lhe posso dizer é que sômente aqui estiveram três senhoras... Como quer, pois, v. ex.^a que aqui estivesse uma outra, se eu permaneci aqui o dia inteiro e vi tudo o que se passou?

— E não é possível que esta senhora a que me refiro tivesse sido servida por um dos seus empregados?

— As compras estão todas registadas aqui, disse o joalheiro abrindo o livro.

Poz-se a ler em voz alta. Em seguida exclamou:

— Não, sr. Holmes! Estão aqui registadas as compras do dia de ontem e ao lado o nome das pessoas que fizeram essas compras. Quando os compradores, porém, não eram pessoas conhecidas costumavamos fazer uma pequena descrição delas. Desde um grande roubo que houve no estabelecimento de um meu colega adoptamos este costume.

— A dama de que falo não foi servida por ninguém, pois que se afastou zangada alguns minutos depois, ao ver que ninguém se ocupava dela, continuou Sherlock Holmes, apoiando o queixo contra a mão. Peço-lhe que recorra à sua memória, sr. Thomaz. Trata-se de uma senhora vestida com simplicidade, ainda muito nova, e, se não me engano, com uma aparência muito distinta.

— Pois, nesse caso, sabe mais v. ex.^a do que eu, murmurou o joalheiro.

E chamou lá de dentro os empregados:

— Sr. Smith, sr. Bonett, sr. Lowel, sr. Geading! façam o favor de cá chegar!

Diversos empregados do estabelecimento que já lá estavam havia muitos anos, vieram correndo.

— Algum dos senhores serviu ontem uma senhora de aparência distinta, ainda nova e vestida com simplicidade, uma senhora que se foi embora ao ver que ninguém a servia?

Três dos empregados abanaram a cabeça.

O quarto, porém, exclamou de repente:

— Oh, com os diabos! Efectivamente! O caso tinha-me passado de todo!

Sherlock Holmes ergueu altivamente a cabeça e um sorriso deslizo-lhe pelos lábios finos.

— O quê? que é que vöcemeç está dizendo? Fale depressa! ordenou o ourives.

— O senhor deve estar lembrado de que na mesma ocasião em que o senhor se ocupava com aquele sujeito da pelica de peles que desejava comprar um anel, várias pessoas entraram no estabelecimento, de modo que nós não tivemos mãos a medir e o tempo não chegava para servirmos todos os fregueses. Deve recordar-se, patrão, de que o senhor até pediu alguns minutos de espera ao tal sujeito para ir servir a duquesa de Lencaster. Nesta ocasião, enquanto estávamos todos atarefados a servir os fregueses, entrou uma rapariga muito nova. Vi-a aproximar-se do balcão, e, se me não engano, também o freguês de capa de pele a notou lançando-lhe um olhar investigador e demorado. Era muito linda, sr. Thomaz!

— Não foi isso que lhe perguntei! respondem o patrão, e voltando-se para Sherlock-Holmes disse:

— É tudo como o senhor disse, sr. Holmes. E' da gente pasmar! Nunca vi uma coisa assim em toda a minha vida! Mas em que relação está essa jovem com os meus empregados? Quer já em vinte e quatro horas. . .

Sherlock Holmes interrompeu-o.

— Não lhe posso dizer quais as minhas conclusões, sr. Thomaz. O caso tem de ser pensado maduramente. Basta que o senhor tenha verificado a veracidade das minhas informações. Agora trata-se de dar com essa jovem e parece-me que já ámanhã realizarei o que dasejo, pois que a jovem deixou aqui ficar, certamente sem querer e sem o saber os seus sinais.

Mas o joalheiro abanou outra vez a cabeça.

— Parece-me tudo muito claro, inverosímil e enigmático. O que eu desejava saber é como o senhor chegou as conclusões de há bocado. Muito desejava sabe-lo. Só por milagre é que se chegaria a semelhante resultado! Qual é o homem que o poderá fazer?

— E porque não? replicou Sherlock Holmes rindo.

E como Harry ardesse também em curiosidade, o grande policia abriu a mão e tanto Taxon como o joalheiro viram-lhe cair das mãos o objecto que elle tinha levantado do chão.

Tanto Harry como o dono da casa ficaram boquiabertos e desapontados.

— Ora! disse o joalheiro. Um bocado de renda.

— A jovem tirou-o naturalmente da saia, disse Taxon. Como foi que pôde chegar ao resultado que sabemos?

— Meu caro Taxon, tu és muito esperto, mas desta vez julgaste muito superficialmente. Êste bocadinho de renda não foi tirado da saia, mas sim como já devias ter visto cortado com uma tesoura de outro pedaço de renda.

— Não ha que duvidar! disse o joalheiro. Trata-se de uma amostra se me dão licença para dizer a minha opinião.

Sherlock Holmes continuou:

— Assim é. Êste bocadinho porém está aqui desde ontem pois que andaram já muitos pés por cima dêle e em consequencia disso está um bocado sujo e negro.

— Mas o que é que lhe dá a certeza de que êsse bocado de renda não provém da duquesa de Lencaster ou da filha de Rotschild, perguntou Harry Taxon.

— Harry, Harry! Vê lá se moderas a tua maneira de julgar tão precipitada!

E Sherlock Holmes estendeu-lhe o bocadinho de renda.

Harry olhou-o por um momento e o rosto luminou-se-lhe:

— Achei sr. Holmes!

— E então?

— A renda não é verdadeira...

— Bravo! resgatastes já a tua falta de ainda agora!

E voltando-se para o joalheiro, Sherlock Holmes prosseguiu:

— Dir-lhe-hei o que eu e o meu discípulo pensamos. Este bocado de renda provém de um outro bocado muito maior, devendo este ser considerado como uma simples amostra. Não se trata nem de verdadeiras rendas Valencianas, nem de Bruxelas, nem qualquer outra renda de preço, mas sim de uma renda imitação, barata embora a teia seja fina e primorosa...

— Muito bem, disse o joalheiro mas ainda não percebo...

— Já lá vamos, sr. Tomaz! o senhor não é polícia secreta! Se eu fôsse oulives com certeza que faria conclusões identicas às suas. Vou-lhe dizer em poucas palavras como me será possível amanhã dar com essa senhora de cuja existência eu nem sequer suspeitava há dez minutos. Há-de concordar que nem a duquesa de Lencaster nem a filha de Rotschild, nem a esposa de um celebre deputado francêses vão buscar amostras de renda cujo metro custará quante muito oito ou nove pence. A senhora que trazia esta amostra devia pois ser pobre. Apesar disso porém, possuí um certo gosto na escolha, donde concluo que se trata de uma jovem que recebeu uma certa educação.

— Podia ter sessenta anos sr. Holmes, disse o joalheiro maliciosamente.

O polícia desatou a rir.

— Não, sr. Tomaz! Leve esta renda, quando eu já não precisar dela, e mostre-a a sua senhora. Verá como ela lhe diz que esta renda ou serve paaa cortinas ou coisa semelhante mae que presentemente é usada tambem para fazer os cabeções que estão agora tanto em moda. Ha-de concordar sr. Tomaz que uma senhora de sessenta anos já não traz semelhantes cabeções, que só convém às que são novas ainda. Um polícia moderno, sr. Tomaz não se deve limitar somente áquilo que tem ligação directa com o que se pretende. E com isto me despeço. Logo que seja preciso queira ter a bondade de me chamar pelo telefone.

E Sherlock Holmes saiu acompanhado pelo discípulo. Subiu para o carro e desapareceu.

O sr. Tomaz foi mandar abrir o estabelecimento ao mesmo tempo que murmurava:

— Fabuloso! simplesmente fabuloso!

E em seguida gritou para os empregados.

— Abram o estabelecimento!

Mal chegara porém ao seu escritório, annunciaram-lhe o inspector Snaterbox. Tomaz carregou o semblante e recebeu o visitante com muito mau modo.

— Sempre o senhor fez uma destas tolices!

— Que?

— Não há cá ladrão nenhum como o sr. dizia; trata-se de uma rapariga.

— Ora deixe-se de patacoadas!

— E' como lhe digo!

— Quem é que fez essa grande descoberta.

— Sherlock Holmes; nem mais nem menos.

Snaterbox deixou-se cair pesadamente numa cadeira.

— Pois então tambem êle quer tomar o negócio entre mãos? Mas desta vez está muito enganado. Diabos o carreguem! Enganou-se desta vez!... Já sabe lord Nelson está entregue à policia?

— Eu não dei ordens para isso, inspector. As consequências será o senhor quem as ha-de sofrer. Como é que o senhor quer que o descendente directo do vencedor de Trafalgar ande a roubar joias?

Snaterbox carregou a viseira.

— Que descendente?

— Então o senhor não sabe que o almirante Nelson alcançou uma grande vitória em Trafalgar?

— Oh! diacho! Lá isso é que não pensei. Tomei o apelido Nelson como sendo o pseudónimo de um ilustre gatuno. Pois meu caro é pena que a nação inglesa sofra a vergonha de ver um descendente ou vencedor da armada espanhola, preso como gatuno!

— O sr. inspector tem provas?

Snaterbox mostrou-lhe com um gesto soberbo e inevitavel o estojo vasio.

— O que me diz a isto?

O joalheiro espantado pegou no estojo.

— E' verdade! O estojo é cá do meu estabelecimento!

— Hois então aí tem! Já vê que Sherlock Holmes...

—... Tinha tóda a razão ao dizer que o ladrão era uma mulher!

— Senhor! veja como fala!

— O estojo que o senhor achou em casa de lord Nelson não tem valor algum!

— Pois não era nele que estava o broche de Nena Sahib?

— Não senhor! Êste é o estojo de um anel que lord Nelson adquiriu em minha casa.

— Anel?... comprou!... Oh seu burro! porque é que você me não disse logo isso?

— O quê? o senhor atreve-se a empregar contra mim um epíteto zoológico que só a si é que convem?! Ordene-lhe de uma vez para sempre inspector, que nunca mais se meta nos meus negócios e agora ponha-se já, no olho da rua!

Snerbox saiu lentamente. Teria de bom grado dito qualquer coisa mais, porém viu dois criados que estavam na escada, e como antes queria descer os degraus por seu próprio pé, do que saltá-los um bocadito dolorosamente, saiu para a rua sem dizer uma palavra.

Era já a segunda decepção que o inspector Snerbox tinha tido no espaço de vinte e quatro horas.

II

No rasto

Sherlock Holmes entretanto seguia para casa com o discípulo.

— Amanhã entras em acção Harry, dizia o grande polícia depois de ter tomado o chá e accendido o cachimbo.

— O que quer dizer que tenho de correr todos os armazens para perguntar se alguém lá comprou um bocadinho de renda, disse Harry.

— Ora, não será tão difícil como te parece! Não preciso de saber quanto tempo levarias a correr todos os estabelecimentos. Mesmo porque a maior parte não quereria dar informações a esse respeito. Tens que ir unicamente aos armazens do bairro onde está situado o estabelecimento de Tomaz & C.^{as}.

— Mas então a jovem não podia ter obtido a amostra em qualquer outra parte? Não seria possível que o armazem em onde ela pediu a tal amostra, estivesse numa outra parte da cidade?

— Não penso assim, embora adivinhe o pensamento que tu não disseste. Tu queres dizer que esta jovem senhora vestida com simplicidade podia muito bem ter obtido a amostra nalgum armazem que estivesse situado num dos mais distintos e suntuosos armazens de Londres.

— Era isso exactamente que me passava pela cabeça, mestre!

— Podias ter ajuntado: é estranho e digno de nota que ela tivesse ido ao estabelecimento de um joalheiro que é um dos mais elegantes e caros da capital inglesa. Ora é este ponto que nós temos de resolver: o que é que a jovem foi procurar ao joalheiro?

Mas, sr. Holmes! Uma vez que ela roubou...

— Mas isso é que ainda resta saber! Resta provar se ela foi lá para roubar ou não!

— O mestre julga que andará aqui o acaso?

— A ocasião faz o ladrão, meu caro! De resto esta jovem, embora eu ainda a não tivesse visto e a conheça muito sumariamente, tem alguma coisa de simpática para mim.

— Mas, mestre!

— Tenho muitas vezes, quando me ponho no rasto de certas pessoas, uma especie de representação ideal. Claro está que é unicamente a sequencia de uma proxima representação de pontos lógicos e por meio dela consigo muita vez apresentar a mim mesmo o retrato do caracter da pessoa a quem quero encontrar e isto succede-me ainda antes que eu a tenha visto. E como o caracter das pessoas como já muitas te disse, está já numa estreita ligação com o exterior físico, desta maneira a minha fantasia produz na maior parte das vezes um retrato que é no final de contas a realidade...

— E que tem isso que ver com a pergunta que nos propuzemos: que razão levou a jovem a procurar um dos mais distintos estabelecimentos de Londres? O senhor já disse que a jovem deve ser pebre. E portanto é inverosimil que tenha ido ao estabelecimento em questão para adquirir uma das mais valiosas joias que o estabelecimento tinha à venda.

— O que iria contrariar a minha teoria,

— Já vê que é positivo ela ter lá ido exclusivamente para se aproveitar de o estabelecimento estar cheio para realizar um roubo audacioso e rápido.

Sherlock Holmes encolheu os ombros sem continuar a expor os seus pensamentos. Mas depois de uma pausa, continuou:

— Seja como for: dado mesmo que a jóvem estivesse introduzida no estabelecimento com o propósito de cometer um roubo, em todo o caso é estranho que ela tenha posto em prática o seu plano numa das ruas mais concorridas de Londres e numa das maiores e mais suntuosas ourivesarias da cidade, diante de duas montras, em frente das quais passam a cada minuto dezenas e dezenas de pessoas. Cá para mim trata-se de uma pessoa muito inexperiente no domínio do crime. Deve ter sido a ocasião o que levou a jóvem à prática do roubo. E é em conformidade com isto que suponho que ela tinha qualquer coisa neste bairro em que se ocupasse, e devia lá ter alguém conhecido, numa palavra: ha em tudo isto uma sequencia lógica. Devemos pois admitir que ela adquiriu a amostra da renda em qualquer dos armazens do bairro onde está a ourivesaria, pois que é inverosimil que tenha adquirido essa amostra num armazem dos arrabaldes onde naturalmente mora, para depois ir fazer compras a uma ourivesaria num lado completamente oposto, isto é na City que é onde, como sabes se encontram os melhores estabelecimentos.

Harry Taxon riu-se.

— Quando uma pessoa o escuta a si, mestre não sabe que mais admirar, se a sua lógica irrefutável ou os seus multiplos conhecimentos, que colocariam na sombra, pessoas mais atiladas cá da cidade, e que excede até os conhecimentos que as *ladies* e donas de casa inglesas possuem.

Sherlock Holmes expeliu uma baforada de fumo para o ar, ao mesmo tempo que olhava para o teto com um sorriso irónico.

— Seja como for, o caso por enquanto é o mais simples possível. Só o espartíssimo inspector Snatterbox, é que fica proibido de dar com o fio da meada,

— Permita-me ainda uma pergunta, mestre, o senhor disse que amanhã conhecerá o ladrão?

— Justamente.

— E o senhor fez essa promessa exactamente no momento em que o pessoal da joalheria estava reunido. Donde conclui que a jóvem é cúmplice num caso em que o ladrão é tirado de entre o pessoal do estabelecimento...

— Não quero dizer que isso seja impossível, muito embora eu possa também ser vítima de uma ilusão. Mas o que eu te posso assegurar é que nem um momento pensei que algum daqueles vinte empregados tivessem roubado o broche de Nena Sahib.

— Ah! mas nêsse caso não compreendo a sua promessa feita na ourivesaria!

— E contudo não há nada mais fácil, Primeiro. Supõe tu que qualquer dos empregados tinha querido enriquecer. Acreditas por ventura que êle, oferecendo-se-lhe ocasião para isso, iria roubar um anel ou um colar cujas pedras preciosas e finas perolas os tornariam difíceis de vender depois? Quanto mais difícil não seria pois vender um broche cujas pedras, tanto pela sua forma como pela grandeza e brilho são logo notados? Julgas que qualquer dos empregados da ourivesaria possuindo um bocado da experiência, fôsse tão tolo que roubaria uma preciosidade que depois lhe ofereceria mil dificuldades para vender? Cá para mim julgo isso completamente impossível.

— Em todo o caso, quem o ouvisse a si no armazem, iria dizer que o senhor considerava como sendo o ladrão qualquer dos empregados.

— Foi *coisa* que eu não disse, nem tão pouco algum dos compradores se pôde julgar lesado com as minhas palavras, Mas como eu conto sempre com tôdas as coisas e todas as possibilidades, admiti cá para comigo essa também, Fica porém certo de que se algum dos empregados foi o ladrão ou cúmplice, não serei eu quem precise de o ir procurar. O grito, Sherlock Holmes no rasto do gatuno! adquiriu uma tal força entre os gatunos e criminosos de toda a espécie, que êstes muitas vezes julgam-se já apanhados, quando muita vez nem sequer se pensa nêles. Aquele dos indivíduos que tiver culpas em cartório estará hoje à noite possuído por tôdas as fúrias e angustias. Deve já ter procurado reunir todo o seu sangue frio, para amanhã têr a necessária coragem para entrar no armazem, apesar de eu têr prometido desmascará-lo no dia seguinte. Aposto dez contra cem, em como êle vai tomar imediatamente a fuga, que é para mais depressa se traír. Como vêz, é um truc muito infantil, muito ingénio que, apesar de tudo julgo inútil. Faz de conta que o caso se passa contigo e verás. Dá a um criminoso a possibilidade de te fugir e verás como ainda mais depressa o apanhas.

E o grande polícia refastelou-se na sua poltroná, expelindo baforadas de fumo para o ar.

Apesar porém de Sherlock Holmes têr evitado todos os precalços de que Snaterbox fôra vítima e embora estivesse já seguro do rasto do criminoso, aconteceu um caso que lhe tornou impossível apanhar no dia seguinte o ladrão ou a ladra como tinha prometido.

Claro que compriria a sua promessa se lhe fôsse dada ocasião para isso, pois que mais ou menos já sabia como encarrar o caso. Mas houve obstáculos que se lhe antolharam e que retardaram a realisação da promessa para dali a semanas.

Harry Taxon poz-se a caminho no dia seguinte. Procurou em todos os armazens do bairro se em algum teria sido dada a amostra da renda, Mas em nenhum isso tinha acontecido.

— E' uma renda barata, mas muito pouco vulgar, era a resposta que obtinha.

Morto de cansasso dirigiu-se para casa e disse a Sherlock Holmes qual fôra o resultado das investigações. Estas tinham durado desde pela manhã até à noite, e só a rapidez de acção e talento de investigador que Harry possuía, é que lhe tornaram possível o rebuscar em cerca de cincoenta e sete armazens a tal renda e isto no curto espaço de doze horas. Sherlock parecia não esperar êste insucesso. Pelo menos abanou a cabeça e mordera o beijo inferior, sinal êste indicativo de que estava contrariado. Pediu a Harry a amostra da renda, a qual o discípulo tirou da carteira.

— Ninguém te disse donde é que ela podia ter vindo?

— Não, mestre. Mas asseguraram-me que era uma renda de bilros, imitada.

Sherlock Holmes concordou.

— O diabo é que as nossas investigações vão agora sofrer uma interrupção! E' pena... é pena que não possamos chegar ao fim com tanta rapidez quanta desejávamos e como eu pensava! Levará ainda algumas semanas até que tenhamos achado tôdas as vieneses, tôdas as respeitáveis austriacas que vivem em Londres!...

— O quê?... disse Harry Taxon. O quê? Vamos andar na piugada a tôdas as vieneses que há em Londres?

— E' claro! Se chamar-mos em nosso auxílio uma daquelas agencias particulares com

as quais estamos em estreitas relações, o caso levará, quanto muito, duas a três semanas.

— Mas que têm que vêr as vieneses ou austriacas com o nosso caso?

— A informação que te deram prova que se trata de um exemplar muito bem imitado de renda de bilros, mas é um tanto extraordinário que nenhuma das casas de venda que há aqui a tivesse no seu armazém. Ora tanto quanto pôdem abranger as minhas informações sei que existe uma unica fábrica que está em estado de fornecer essa e qualquer outra imitação da rendas. Esta fábrica existe em Viena de Austria e não em Londres ou na Bélgica. Já se vê pois que a renda foi comprada em Viena. Temos pois que dirigir as nossas investigações para êste lado. Julgo que a tal jovem de que falámos percorreu vários armazens de Londres para obter uma renda semelhante. E' muito possível que na grande confusão que reina nos grandes armazens de Londres ninguém notasse o facto de ela andar procurando essa renda e que por isso ninguém te podesse dar mais amplas informações a êsse respeito.

Sherlock Holmes tinha razão. Fôram precisas duas semanas de infatigável actividade para que o polícia obtivesse finalmente uma lista completa das pessoas de nacionalidade austriaca que viviam em Londres e por ela se viu quais eram as raparigas de poucos haveres que vinham incluídas nela.

Logo que o polícia recebeu a lista dos endereços, começou a observar cada uma das damas austriacas. Gastou nisto algumas semanas sem que entretanto o misterioso roubo do broche de Nina Sahib adiantasse muito na investigação.

O polícia mais uma vez tinha julgado com perspicacia. Os vinte empregados tinham voltado todos ao trabalho no dia seguinte, o que provava que entre êles não se encontrava o ladrão.

Cerca de vinte e cinco a trinta senhoras que havia não muito tempo tinham estado em Viena, foram espiadas por Sherlock Holmes sem que entretanto lhe fôsse possível chegar a um resultado positivo, até que um dia resolveu ir assistir ao concerto do célebre cantora americana Lady Astor.

— Quer-se restabelecer, mestre? perguntou Harry Taxon quando Sherlock lhe comunicou aquela resolução.

— Quero sim. Preciso de dar aos meus nervos uma corta tempera por meio de um prazer musical, e para isto associo o útil ao agradável.

— Mas lady Astor não é nenhuma vienense!

— Pois não é, isso sei eu. Mas as damas que a acompanham ao piano não são de Viena.

Harry Taxon apressou-se em arranjar bilhetes. A confiança que tinha na nova experiência não era lá muito grande. Estava acostumado porém a que as medidas do policia fôsem aumentando gradualmente até atingirem o fim que tinham-o em vista.

Quando Harry Taxon voltou para casa com os bilhetes no bolso, admirou-se muito de vêr o inspector Snatterbox e o sr. Tomás a confezienciar com Sherlock Holmes.

— Como lhe ia dizendo, sr. Holmes, o senhor está seguindo um caminho completamente errado. O que aqui está é a letra de um homem, nem mais nem menos.

Harry aproximou-se muito interessado. Diante de Sherlock Holmes estava um pacotezinho que tinha o seguinte distico:

Ao sr. Thomaz & C.^a — Ourivesaria —
— Fleet — Street, E. C. Londres.

O policia ergueu o embrulho entre dois dedos.

— Não há duvida; uma mulher não poderia disfarçar assim a sua letra.

— O que aconteceu? perguntou Harry Taxon.

Snatterbox voltou-se para êle e disse-lhe maliciosamente:

— Se eu fôsse tão esperto como você, já teria adivinhado!

— E se eu fôsse tão estúpido como você inspector, teria chegado às conclusões a que você chegou. Não conhece o provérbio: o mais ruim porco, é o senhor da melhor castanha?

— Não se trata agora de castanhas, sua bestiaga! Trata-se da joia do sr. Tomaz!

— Ah, sim? Então já deram com ela?

— Enviaram hoje ao sr. Tomaz o estojo onde a joia se encontrava primitivamente.

Harry Taxon deu um grito de raiva. Via tóda a gloria de empresa escapar-se das mãos do mestre e não se admiraria nada se fôsse Snatterbox quem a obtivesse por um mero acaso.

— E' verdade! disse o joalheiro voltando-

se para Harry, hoje de manhã enviaram-me o estojo.

— Com o broche?

— Não! Isso seria uma estupidez de marca maior da parte do ladrão. Sem a joia,

Harry meteu as mãos nos bolsos e disse a Snatterbox, rindo:

— Com effeito! nêsse caso o meu amigo obteve um successo retumbante!

Bem! deixem-se lá disso! disse Sherlock Holmes, intervindo.

— Está bem certo de que este estojo é aquele que lhe faltava e no qual a joia tinha estado?

— Não me resta duvida alguma! Não era possivel que o tivessem podido imitar.

— Bem. A letra com que está escrito o endereço é de um homem de educação aprimorada. Segundo vejo o senhor não quebrou o lacre com que o embrulho estava selado, mas sim o cordel.

— Sim, senhor, apesar de não têr pensado que este simples embrulho tivesse alguma coisa que vêr com o roubo: o que pensei é que fôsse qualquer remessa de amostras.

— Foi um caso propício que lhe guiou as mãos! retorquiu Sherlock.

Snatterbox aproximou-se curvando-se sobre o pacote.

— Como? O que quer dizer com isso?

— Lá vamos, inspector! lá vamos. Se o senhor tivesse um bocadinho de experiência teria notado que aqui nêste pacote se deu um novo roubo.

— Como?... um novo roubo?...

— E' claro! Sustento que a joia que nós procuramos com tanto empenho estava aqui dentro do pacote!...

O rosto do ourives tornou-se verde.

— E' impossivel! Juro-lhe que ninguém esteve ao pé de mim quando abri o pacote!

— Pois não me resta duvida nenhuma ácerca do que lhe afirmei. A joia em questão foi roubada mais uma vez do estojo quando chegou ao destino que o endereço marcava.

— Então foi roubada no correio!... disse Snatterbox cheio de raiva. Vou já...

— Tenha cautela com as decepções, meu caro Snatterbox, disse Sherlock-Holmes detendo-o.

Pegou no microscopio applicou-o ao lacre com que o pacote fôra fechado.

Os sélos foram abertos por meio do aquecimento e em seguida tornados a pôr. Foram empregados dois sinetes. O serviu primeiramente tinha as iniciais C. H. Mas o segundo tinha as letras S. C. e foi aplicado sobre o primeiro.

Snatterbox olhava espantado para o policia.

— De modo que estamos todos em frente de um novo enigma!

— Não eu! disse Sherlock Holmes rindo.

— Ora! Há umas poucas de semanas que lhe não oíço dizer outra coisa senão que está no rasto de uma uma imaginaria menina... O senhor agora, meu caro Holmes, deu em caçar de raparigas!...

E Snatterbox desatou a rir, achando graça ao que tinha dito, Mas Sherlock Holmes replicou muito sossegado:

— Isso não quer dizer nada. Continuo a procurar essa tal rapariga. Sim, meu bom Satterbox, este incidente não me causa espanto nenhum.

— Então foi ela quem enviou a joia? Não me parece!...

— Mas o senhor já viu que o remetente é um homem, disse Sherlock Holmes.

— Mas o senhor fala de uma mulher...

— E ela não a poderia ter enviado por meio dum homem?

— Isso é verdade! concordou Snatterbox arreliado, De modo que nos apareceu pela frente não só uma ladra mas também um ladrão. Procure o senhor a rapariga que eu me encarrego do homem!

— Por quem é, não se demore inspector! disse Harry abrindo a porta. Cada minuto que o senhor perca, vale um dinheirão...

Snatterbox levantou a bengala irritado.

— Fique você sabendo que não me deixo lograr pela terceira vez! Espere-lhe pela pancada!...

Neste momento chamaram ao telefone. Era o chefe da Scotland Yard que dizia a Sherlock-Holmes:

— Sr. Holmes, podia fazer-nos o favor de ir hoje ainda a casa de Samuel Cropton? Houve lá um roubo misterioso. Estamos muito ocupados agora e se o senhor pudesse tomar o negocio entre mãos era favor! Tenho cá gente, mas temos tanto que fazer...

— Já conheço aquela cantiga! disse Harry Taxon. Todas as vezes que não sabem o que

hão de fazer, estão muito cheios de trabalho...

Entretanto Sherlock-Holmes respondia:

— Está bem. Lá vou. Onde é que mora esse tal Samuel Crepton?

— Fortonsteet, 70.

— Obrigado.

— Então o senhor é como o outro que tratava de setenta coisas ao mesmo tempo? perguntou Snatterbox.

— E porque não? Por enquanto nada temos que fazer com o caso que tratamos. Vou vêr se torno a reatar ligações que andam há muito tempo afastadas. Há certas relações femininas que...

— Que, por meio de promessas de casamento, lhe podem servir de muito...

— E porque não? Será porém necessario prometer casamento a todas as senhoras que se conhece? Mas é tempo de nos pôrmos em campo. Tenho tenção de ir hoje ao concerto de lady Astor. A'manha será Snatterbox quem em meu logar há de ir ter uma entrevista com uma linda Vienense. Entretanto irei a casa do tal Cropton e verei o que é preciso fazer.

O ourives despedia-se ao mesmo tempo que pedia ao policia que não largasse da mão o caso.

Snatterbox, porém, deixou-se ficar.

— Estuda musica, sr. Holmes?

— Não me faça perguntas asnaticas, inspector.

— Nunca ouvi dizer que o senhor tivesse paixão pelos concertos. Ia apostar em como tudo isso não é mais que um disfarce.

— Deixe-se de tolices, inspector, e se tem vontade de se divertir venha daí comigo. Vou vêr se lhe arranjo ainda um logar para si.

— Aceito. Vou já daqui para casa vestir-me

E Snatterbox meteu-se no primeiro carro que encontrou. Pelo caminho ia esfregando as mãos todo satisfeito.

— Que raposa tão matreira este Sherlock! Mas não me parece que êle julgue lady Astor a gatuna! E daí!... Não é por simples divertimento que êle procura com tanto empenho ir ao concerto. Vamos a vêr o que a sorte ainda nos reserva para hoje...

III

O segredo do sr. Gref tou

O grande salão de música estava cheio a trasbordar. Lady Astor gosava de grande fama como cantora não só em toda a metropole inglesa como até em todo o mundo. Não era, pois, para admirar que a melhor sociedade londrina assistisse ao concerto e que todos os lugares estivessem já pedidos desde há muito tempo, só um lugar estava vazio, mas esse ao começar o concerto foi ocupado por um individuo cuja aparência original despertou logo a curiosidade de toda a assistencia. Era o inspector Snatterbox que vinha todo soberbo na sua sobrecasaca muito exotica e extravagante. O grande crisantemo que lhe ornava a botoeira completava o interessante conjunto.

Mas o caso é que elle se julgava muito bem e muito bonito, pois que tomou a sensação que a sua aparição provocara como devida á celebridade de que gosava e foi assentar-se no seu logar com um gesto de grandeza inimitavel.

Entretanto o concerto principiára. Lady Astor tinha apparecido no estrado. Era uma linda mulher, cerca de trinta anos e a quem a immaculada brancura do vestido ficava a matar. Atacou a musica com voz forte e foi depois pouco a pouco descendo a voz numa suavissima cadencia que arrebatava os espectadores, e os entusiasmava.

Sómente Snatterbox é que não prestava attenção. Tinha os olhos fixos nela, é verdade, mas o pensamento trabalhava-lhe febrilmente noutro sentido.

A celebre cantora estava toda adornada de diamantes.

E Snatterbox ia dizendo lá para comsigo.

— E' uma americana! Há uns tempos para cá que diversas americanas, levadas pela sua paixão pelas joias têm praticado varios roubos e eu não me admirava nada se me encontrasse diante de um novo caso desses. Sherlock-Holmes anda procurando uma jovem que se deve trair por causa de um bocadinho de renda. O vestido desta cantora está adornado com magnificas rendas. Vou tentar uma experiencia antes que Sherlock-Holmes se me atravesse no caminho.

Houve uma pausa.

A jovem que acompanhava ao piano lady Astor levantou-se e foi para uma sala visinha para onde lady Astor tambem fóra quando as ovações do público tinham cessado.

O inspector empurrou os criados que impediam a sua entrada no toucador da cantora e precipitou-se por ali dentro.

Alguns cavalheiros rodeavam a celebre cantora.

O inspector aproximou-se e disse fixando muito lady Astor:

— Lady Astor, peço-lhe o favor de me dar duas palavras!

— O que deseja senhor?

— Já ouviu falar no broche de Nena Sahib?

— Lady Astor desatou a rir.

— Ouvi falar tanto d'ele nos ultimos dias que o seu nome se me tornou familiar.

— V. Ex.^a gasta da ourivesaria Tomaz?

— Certamente, seuhor! Mas não percebo a que respeito.

— Não percebe? Pois eu lhe digo: procuro a ladra do broche de Nena Sahib!

Ouviu-se um grito. . . o que se seguiu não o pôde ver o inspector Snatterbox, pois que alguns cavalheiros que rodeiavam a cantora o empurraram e puzeram fóra violentamente do toucador. Pela confusão porém que reinava atrás de si pôde comtudo o inspector notar com imenso contentamento que a joven pianista havia caído sem sentidos.

— Sou posto fóra pela terceira vez! murmurou Snatterbox. Deixá-lo! Estou proximo a atingir o alvo.

Sentou de novo no seu fauteuil esperando os acontecimentos.

Dez minutos depois appareceu a cantora toda faiscante de pedrarias fresca e jovem como sempre. Subiu para o estrado e cantou como sempre com uma voz que arrebatou os espectadores.

Nesse momento dois fauteuils que tinham estado vazios desde o começo da audição do canto foram preenchidos por dois individuos. Eram Sherlock-Holmes e Harry-Taxon.

Mal Harry-Taxon se tinha assentado quando subitamente collocára no ombro do policia.

— Sr. Holmes?

— Que temos?

— Não viu ainda? . . .

— Vi sim homem! Parece-me que estamos

separados do nosso fim apenas por alguns momentos.

E olhar pousava-lhe duramente sobre a colecção de renda que a joven pianista que acompanhava Lady Astor trazia sobre si.

— Como está palida! murmurou Harry a meia voz.

Um cavalheiro que se encontrava próximo d'êle julgou necessario objectar:

— Não é admiração nenhuma. Haveria um quarto de hora que perdeu os sentidos no tocador de lady Astor. E' uma grande artista e sacrificia-se por sua amiga. Se não fôsse sua grande força de vontade o concerto teria sido interrompido.

Sherlock-Holmes linha estado a ouvir muito surruteiro.

— O que é que êle disse? Que a pianista tinha desmaiado?

E' verdade, mestre, Adivinha-se no rosto dela o receio e o terror.

Sherlock-Holmes ergueu-se ergueu-se um bocado na cadeira e deixou errar o olhar pelos circunstantes. Um sorriso ironico pairou depois nos seus lábios.

— Snatterbox aqui! Não ha que vêr; mas o bravo inspector fez qualquer tolice. Mas, desta vez não lhe quero mal porque me aplaou o caminho.

Houve uma pausa, Harry aproveitou a occasião para se aproximar da pianista e observar de perto o cabeção de rendas que ela trazia ao pescoço.

Não! não podia haver duvida alguma! Era a mesma renda da qual Harry tinha uma amostra na mão.

Até que enfim! Depois de tantos esforços, tanta canseira, era possivel seguir já um rasto que permitisse dissipar as sombras que envolviam o misterioso roubo na ourivesaria Thomaz!

Lady Astor aproximou-se da pianista e trocou com ela algumas palavras que sem duvida tinham por fim inquirir do seu estado. Duas manchas vermelha appareceram nas faces da joven pianista, joven pianista. Pelos seus gestos percebia-se que sossegava a cantora. Voltou-se de repente... neste momento, entrou um mancebo que se dirigiu para ela. Ao vê-lo a sua vermelhidão transmutou-se na mais profunda palidez.

— Como é formosa! E' impossivel que ela seja a ladra! E' impossivel, Mr. Holmes!

— Ninguém o dirá, isso é verdade.

— Os olhos dela traem tanta bondade, so seus gestos são tão simples e distintos que pela minha parte desejaria imenso que nos tivessemos enganado.

Sherlock pôz-se a rir.

— Desde quando és politico por afeição?

Harry calou-se. Ambos os policias estavam afastados da pianista apenas alguns passos. Não viram o inspector Snatterbox os fôra seguindo até se collocar por detrás d'êle.

— Já o devia ter pensado!... murmurava o inspector. Sherlock-Holmes é o tipo mais aborrecido que tenho visto em toda a minha vida. Mal me collocou no caminho que é preciso explorar, salta-me logo á frente, não só para me censurar⁸ como também para seguir êle outro caminho muito diverso.

Mas de repente o rosto do inspector abriu-se num largo sorriso.

— Bem te conheço, minha raposa velha! ia êle dizendo lá para consigo. Viu que estou aqui... e como está certo de que já lhe aplanei o caminho finge que desconfia doutra... Mas nessa é que eu não caio. Tão estúpido é que Snatterbox é que não é. Hei-de comer a isca, dê lá por onde der!

O individuo que se aproximava da pianista pôz-se a conversar muito familiarmente com ela. A jovem parecia ter perdido o primitivo terror e falava num tom sofredelmente sossegado com êle, que lhe contava qualquer coisa a qual parecia não causar grande admiração á jovem pianista Sherlock Holmes aproximou-se do grupo e tanto êle como Harry tiveram occasião de ouvir algumas palavras.

— O arrombamento foi realisado á noite dia o individuo.

— Tiraram-te muita coisa?

— Sim, Já preveni as autoridades...

— Não preferias antes adiar o caso para depois?

Nos olhos d'êle brilhou um relampago.

— Qual! Bem sabes como estou desejo de acabar com isto tudo!

A jovem tornou-se palida e olhou para o chão. Nesse momento rompeu por entre a multidão um individuo alto e esbelto, de grande e escura cabeleira e vestido com negligencia posto que elegantemente chegou até ao pé do grupo...

Nesse momento quando se encontrava Sherlock Holmes Harry por um lado e entre o des-

conhecido e a pianista por outra, olhou com toda a fixidez para ela.

A pianista deu um grande grito: as suas mãos estenderam-se contra elle como que afastando-o em seguida inclinou-se alguns passos para deante e caiu sem sentidos no chão.

Alguns cavalheiros acorreram.

— Está mais doente do que a sua apparencia indica, disse um dos cavalheiros.

Neste momento ouviu-se um tiro.

Sherlock Holmes não tinha desviado o olhar do tal individuo quando o vira apparecer. Os do recém-vindo rolavam-lhe nas orbitas, os cabelos estavam eriçados, as mãos tremiam-lhe...

Dava a ideia de um homem que, ou está louco ou possuído por uma enorme comoção.

Mas tudo se passára com a maior rapidez. Nem seria possível dar uma ideia exacta do caso como elle se passou. No momento em que a jovem perdera os sentidos o individuo que tão incomodamente empurrara os espectadores hesitava alguns segundos. Parecia que se queria precipitar sobre a desventurada, mas esse movimento durou apenas um segundo. Em seguida a sua comprida e delgada mão tirou do bolso um revolver que brilhou á luz do salão... Atirou ao desconhecido que estivera conversando tão intimamente com a pianista.

Este deu um grito e colocou o braço deante do peito como que se proteger da bala, sem ter nem fôrça nem coragem para opôr qualquer resistência.

Estava perdido sem remissão se Sherlock-Holmes não tivesse desviado para o alto o braço do desgraçado. O tiro foi cravar-se no tecto.

— É preciso leva-la já para casa! dizia Lady Astor.

Quatro cavaleiros precipitaram-se por entre Sherlock-Holmes e o individuo cujo tiro o fizera falhar. Houve um momento de confusão o qual ainda se tornou maior pois que um repentino panico se apoderou da assistência.

Sherlok ajudado por Taxon procurou apoderar-se do individuo que tentara assassinar o outro. Mas apesar da sua energica actividade, apesar de todos os seus esforços o individuo conseguiu pôr-se em fuga.

Entretanto o inspector Snatterbox apparecia tambem no estrado, apresentava-se como inspector da policia e comunicava que ia immediatamente pôr-se em campo para deitar a mão ao

individuo que sem autorisação da policia se atrevera a dar um tiro...

Tomou conta da ocorrência, apontou os nomes das pessoas que tinham sido testemunhas do facto etc. O que deu em resultado não poder observar as deligências de Sherlock Holmes.

Harry Taxon fizera menção para ir atroz do individuo que tentara matar o que conversava com a pianista. Mas Sherlock deteve-o.

— Deixa o lá! Não nos escapa, acredita.

— Naturalmente nunca lhe pômos a vista em cima, sr. Holmes!

— E porque não? Não esqueças que a jovem do cabeção de renda o conhece bem.

— O olhar dela parecia estar cheio do maior dos terrores!

— E porque razão havia de ser terror? Quem sabe até seria outro sentimento muito diverso!

Harry olhou para Sherlock Holmes interrogando-o com o olhar. Nesse momento viram perto o desconhecido que ajudara a transportar a jovem para o tocador.

— Já está restabelecida! exclamou rindo e dirigindo-se para o policia. O senhor salvou-me a vida, meu caro!

— Puro acaso, nada mais, replicou Sherlock. Permita que eu próprio me apresente. Chamome Ben Tiber.

Harry ficou espantado, mas immediatamente percebeu a astucia de Sherlock Holmes. O desconhecido, que, diga-se de passagem, tinha uma apparencia muito distinta inclinou-se cortezmente e disse:

— E eu, Samuel Crofton.

Pelo relâmpago que brilhou no olhar do policia, pôde Harry perceber que este nome lhe despertara qualquer sensação que a principio não percebeu qual fôsse.

— O individuo a quem roubaram!... murmurou rapidamente.

Por um movimento de cabeça Sherlock Holmes mostrou ao discipulo que tudo tinha compreendido.

— Conhece o individuo que o alvejou? perguntou Sherlock dirigindo-se a Crofton.

— Não, sr. Tiber. Foi a primeira vez que o vi.

— Mas a jovem parece que o conheceu!

— Não acredito.

— Ainda assim... parece que havia qualquer coisa entre elle e a jovem.

— Repito que isso não era possível senhor! respondeu Crofton num tom onde havia qualquer coisa de irritado. Aquela menina é minha noiva. Já vê que devo conhecer as suas relações!

— Queira-me perdoar! replicou o polícia. Estava-me intrometendo sem querer na sua vida! De modo que não suspeita porque razão é que o tal indivíduo o queria matar?

— Não. Suspeito apenas que seja ou um doido ou um criminoso qualquer. Quem sabe até se me confundiu com outra pessoa!

Neste momento entrou a jovem, a quem o médico fizera recobrar os sentidos. Estava muito pálida.

Lady Astor anunciou que a pianista não podia tocar na terceira parte do programa e pedia aos circunstantes que a desculpassem. Acompanharam a pianista até ao vestíbulo, ia amparada ao noivo. Um trem esperava à porta por eles.

Antes de se ir embora Crofton apresentou à noiva o seu salvador, ao mesmo tempo que apresentava a este a jovem.

— Miss Clara Heydt, a minha noiva!

— De modo que já sabemos o que queríamos! disse Sherlock voltando-se para Harry. Deixemos lá em paz esta desventurada menina pois que ela já nos não escapa, e voltemos as atenções todas para o Samuel Crofton o qual certamente nos adiantará mais do que a noiva. E para não se perder nada, vamos ao posto de polícia mais próximo dar ordem para que avise em todas as estações do correio para reterem todas as cartas com o endereço — «Clara Heydt».

E o polícia e o seu discípulo depois de terem feito isto dirigiram-se para casa de Samuel Crofton.

Esta estava situada na parte norte da cidade e era elegantemente mobilada. Sherlock Holmes subiu rapidamente a escada do prédio. Tinha preparado tudo já. A chave que meteu na porta servia ás mil maravilhas e o polícia entrou na habitação como se fôsse inquilino dela.

O mestre já tinha contado com a possibilidade de ser preciso entrar aqui sem que o dono soubesse? perguntou Harry.

— Pois então!

— Relaciona este indivíduo com o criminoso em cuja pista andamos?

— E' como dizes. Quem diabo querias que fôsse?

A luz eléctrica flamejou no corredor.

— Se Crofton agora viesse para casa, sr. Holmes!

— Não vem; descansa!

— O quê? sabe isso com certeza?

— Com toda a certeza.

— Conhece a maneira de viver de Crofton?

— Não. Mas sei outras coisas. Podia-te dizer onde é que aquele desconhecido que tentou contra a vida de Crofton, está neste momento etc.

— E não o vai prender?

— Para quê? Por causa de tal tiro? Ora! isso deixo eu ficar ao encargo da polícia. E neste momento até convém que elle esteja em liberdade.

Mas repara para isto. O sr. Crofton tem bom gosto sim senhor! Está magnificamente instalado.

Os olhos de Harry seguiam tambem com curiosidade as luxuosas tapeçarias, os custosos tapetes persas, e os quadros dos melhores mestres que quasi tapavam as paredes.

— O tipo parece ter dinheiro.

— Ou pelo menos conhece a fonte aonde o pôde ir buscar. . .

Harry Taxon olhou interrogadoramente para o mestre mas este pareceu não ter vontade de dar explicações.

Passaram a uma grande sala cujas paredes estavam ordenadas com espelhos que reflectiram as figuras dos dois nocturnos visitantes. Ao meio havia uma comprida mesa e em redor dela cerca de duas duzias de cadeiras.

— A casa de jantar. . . disse Harry.

Sherlock Holmes sorriu.

— Por acaso um solteirão preta de ter semelhante sala de jantar? Julgas que o sujeito tenha sempre vinte e quatro convivas?

— Mas então para que é que serve esta mesa tão comprida?

Sherlock dirigiu-se para um armário e abriu-o. Via-se lá dentro roletas, esferas, dados. . .

— Compreendes agora? Em casa do sr. Samuel Crofton joga-se desenfreadamente! Aposto até que os jogos prohibidos pela policia, e admirar-me-ia muito se o próprio Crofton não fosse o chefe de toda esta batota.

Harry concordou.

— Foi essa até a primeira impressão que tive ao vê-la. É um cavalheiro muito misterioso...

Dali passaram a um aposento que comunicava com o quarto de Crofton. Nesse aposento havia um pesado cofre de ferro cuja porta estava levemente encostada.

Sherlock Holmes tirou da algibeira a lâmpada eléctrica e alumiou a fechadura.

— Ah!

— Um roubo sr. Holmes?

— Olá! Foi aqui que o ladrão empregou a habilidade.

— E com sucesso, mestre! arrombou a fechadura...

Sherlock Holmes olhou para o discípulo com um olhar severo.

— Encaras as coisas sempre muito superficialmente, meu velho, e devo dizer-te que isso me não agrada de modo nenhum. Olha primeiro para o cofre com atenção e depois diz o que pensas.

Uma súbita vermelhidão coloriu o másculo rosto de Taxon. Inclinou-se para a fechadura, observou e disse.

— C'os diabos! tem razão mestre! A fechadura está toda arrombada, toda partida!

— E então? Foi um gatuño que sabia do seu ofício?

— Não, mestre! Vê-se bem que a fechadura foi arrombada muito desastrosamente.

— Onde se vê que o criminoso é um indivíduo que não adquiriu a sua fama por meio do roubo.

— Talvez um amigo de Crofton, um companheiro da jogatina.

— Duvido. Os seus companheiros de jogo já deviam saber que elle nenhuns tesouros tinha aqui dentro.

E ao mesmo tempo que dizia isto Sherlock tirou para fóra do bolso o microscópio e começou a examinar a fechadura com todo o cuidado.

Por duas vezes os seus finos e compridos dedos tiraram da fechadura qualquer coisa que escapára aos olhos de Harry, e que depois lhe apresentou.

Harry não pôde impedir um sorriso.

Eram dois compridos e negros cabelos.

— Tu estás-te a rir, Harry?

— Desculpe, mestre, mas é sómente de espanto! Vejo muito bem que as nossas investi-

gações estão chegadas a um ponto muito importante, agora que vemos que o ladrão era uma mulher.

Sherlock Holmes não se pôde impedir de, por sua vez, se rir também.

— Hoje andas infeliz, meu caro!

— Mas, sr. Holmes, isso são dois compridos cabelos pretos!

— E que tem isso? A imaginária mulher de que tu queres fazer dona destes cabelos não se havia de sentir muito orgulhosa com êles. Primeiro porque estes cabelos são muito delgados, e em segundo porque para uma cabeça de mulher são lamentavelmente curtos.

— Mas então quem...

— Estes cabelos pertencem a um homem que tem o costume de usar o cabelo comprido.

Naquêle momento Harry Taxon lembrou-se do misterioso indivíduo que naquêle mesmo dia tentara contra a vida de Crofton. Lembrou-se do ôlho flamejante que elle tinha e, sobre tudo, do cabelo escuro e comprido que usava, todo deitado para traz.

Entretanto Sherlock Holmes ia observando o chão em redor do armário.

— Hum! Estas são sem duvida as pégadas do Crofton. Mas espera... Com os diabos, o caso agora toma uma feição muita esquisita!...

E applicando a lanterna ao chão, o policia entrou no aposento contiguo, no quarto de cama de Crofton. Parou um bocado em frente do leito e em seguida voltou de novo ao ponto de partida.

Harry, que desejava tirar uma desforra das pequenas faltas que tivera, principiou a procurar por seu turno e encontrou finalmente, auxiliado pela sua lanterna, umas segundas pégadas que se não dirigiã para o quarto de dormir mas sim para aquelle onde estava o armário.

— Isto faz lembrar se por acaso o criminoso não teria entrado por aqui para o quarto de Crofton.

— E' verdade.

— Pois teve sorte em Crofton o não ter apanhado.

— Julgo que pelo contrario nenhuma sorte teve nessa ocasião. Continuas a enganar-te, meu velho.

— Como?

— Crofton veio dar com elle em flagrante!

— Mas as pégadas de Crofton vêm-se sómente aqui ao pé do armário!

— Essas pégadas já são antigas. Datam já de alguns dias pelo menos,

— Dêsse modo nada se pode averiguar a respeito d'êles?

— Pode sim. Cá para mim é fora de duvida que êle esperou descalço junto do armário.

E Sherlock Holmes continuou:

— Parece-te tudo muito enigmático, não é verdade? Pois meu velho, uma pessoa deve estar, seja em que caso fôr, preparada para ir das mais ínfimas ninharias até às mais significativas e importantes grandezas.

— Agora é que eu não percebi nada, mestre. Não sei como é que o senhor, exactamente pelo facto de ali faltarem as pégadas do Crofton conclui disso que êle esteve aqui.

— Não quero pôr a tratos a tua curiosidade, Harry, pois que ela deixa ver no teu rosto o seu grau espantoso de desenvolvimento. Ora torna a observar com cuidado as pégadas que o criminoso deixou ficar.

Harry fez como Sherlock Holmes lhe dissera.

— Não posso achar cousa alguma. Fiz uma observação apenas, mas que está em contradicção com aquilo que vimos hoje.

— Como?

— O individuo parece ter dado um passo em falso. Pelo menos caminhou para um dos lados em vez de ir para a frente.

— Ora aí está. Até que enfim chegamos a um ponto de importância. Ora imagina que o individuo em questão chegou ao quarto de dormir. Caminhou em seguida de tal modo que se pode afirmar que voltou primeiro o rosto e em seguida a parte superior do corpo para o quarto de dormir e para um objecto imaginário que estava ao lado d'êles. Poderás dizer que a sua atenção foi despertada pelo velho quadro que acolá está? Não. Tenho a convicção plena que o individuo entrou no quarto de dormir de Crofton e foi aí surpreendido por êste. Crofton foi-lhe ao encontro, mas pelo exame das pégadas do desconhecido parece depreender-se que êste o conteve em respeito naturalmente por meio de uma arma. Crofton é um homem extremamente covarde, cousa que salta aos olhos. Não impediu o adversario de arrombar o armário. Também aqui ficamos em frente de um enigma, visto não podermos saber por que razão é que se

deixou ficar assim inactivo enquanto o outro abria o armário. A porta foi aberta com violencia e muito desastradamente, pois que primeiro foi empregado contra ela um murro brutal e em seguida uma violentissima força, um instrumento qualquer que a obrigou a ceder.

Harry estava de boca aberta.

— Mas... mas isso é impossivel! Crofton denunciou o roubo!

— E' claro. Primeiro por causa da raiva despertada pela maneira como a acção foi praticada pelo seu inimigo; depois pelo facto de lhe terem roubado qualquer cousa que êle não quer dizer qual seja.

— Mas então depreende-se daí que Crofton conheceu o tal individuo.

— E' claro que conheceu

— Mas porque o não denunciou à policia?

— Porque não quer que a policia lhe pergunte: «De onde é que o conhece e como é que sabe que êle é que é o ladrão?»

— Ah, sim! Mas então não podia ter dito a verdade?

— Isso sim! A policia ter-lhe-ia perguntado: «Porque razão não procurou opôr qualquer resistencia? E porque razão é que, logo que o criminoso fugiu, não alarmou a visinbança chamando a policia?» Já vês que Crofton antes queria ficar na sombra. O homem que aqui entrou convém mais que seja descoberto pela astucia da policia do que pela denuncia de Crofton.

— Não percebo nem patavina, mestre.

— Isso já eu pensava.

Sherlock Holmes sentou-se à secretária.

— Ouve lá, meu rapaz, se Crofton entrou inesperadamente, fazes favor...

Sherlock interrompeu-se e olhou a principio indifferente e em seguida cheio de interesse para um quadro que estava em frente da secretária e que chegava até ao chão.

Harry seguiu o olhar. Não faltou muito para cair por terra, mudo de espanto.

No quadro havia um pequeno buraco e através d'êles flamejavam dois olhos fosforescentes.

Harry ia já para se precipitar contra o quadro quando o olhar do policia o deteve com tamanha imperiosidade que o discipulo nem um movimento chegou a fazer.

— Fui distraído dos meus pensamentos. Mas ouve. Se Crofton entrar, fazes-me a fineza de

te entreteres com êle enquanto eu lhe escrevo aqui uma cartinha.

Harry ficou pasmado. Por acaso o mestre não teria notado que dois olhos o estavam espiando e observando por detrás do quadro?

E se o espião tirasse o revolver e disparasse? Não era outro senão Crofton, com certeza.

Mas Sherlock Holmes parecia nem pensar que aquele que o espiava podia muito bem tentar assassiná-lo. Teria êle visto realmente os dois olhos? Ter-se-ia o seu sagacissimo olhar enganado pela primeira vez?

Reinava um silencio profundissimo na habitação.

A pena deslizava ragendo sobre o papel.

Por fim Sherlock Holmes parou de escrever. Tinha acabado a carta, Harry não pôde ser por mais tempo senhor da sua curiosidade. Debruçou-se por cima de Sherlock Holmes e leu:

«O senhor o que tem a fazer é ir ter com-nosco e contar-nos a sua história para nos poupar trabalho inutil e impedir que alguns inocentes fiquem comprometidos,

Sherlock Holmes.»

Harry olhava mudo para a folha de papel. O mestre estaria doido? Como poderia êle ter escrito a Crofton semelhante carta? Agora podia êle — êle que até então estivera na duvida — podia saber com certeza que Sherlock Holmes estivera sentado à sua secretária. Não! realmente tudo aquilo era incompreensível.

O policia dobrou a carta.

— Acende um vela, Harry!

O discipulo obedeceu silenciosamente.

Sherlock pegou no lacre e no sinete e selou a carta.

— Porque rasão vai selar a carta, sr. Holmes?

Sherlock carregou o sinete com força sobre o lacre, tornou-o a pôr no seu lugar, olhou para a sua obra e replicou:

— Então eu havia de o prender agora, depois de o ter deixado fugir ainda há bocado?

— O senhor fala do...

— Do homem de cabelo preto e comprido.

— Era êsse? perguntou Harry boquiaberto

— Julgo que sim. Crofton teria escolhido

outro sitio para nos observar. Podes ter a certeza de que nos não teria deixado tão tranqüilos se nos tivesse visto.

Esta conversa foi dita num tom muito baixo. De repente Harry exclamou:

— E não seria melhor se nós levassemos a carta connosco?

— Para quê?

— Porque o individuo que estava atrás do quadro pode vir e apanhá-la mal nós saímos daqui.

— E' isso mesmo o que eu quero!

— Homessa! O senhor quer dizer com isso que... que dirigiu a carta a êsse tal sujeito?

— Nem mais. Vês tu? desta maneira correspondo-me com um individuo cujo nome não sei, a quem não conheço e cuja morada me é tambem desconhecida. Devemos ser praticos, meu querido Harry! E parece-me que temos direito agora a ir dormir umas horas depois de tanto trabalho!...

E, pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, abandonaram a habitação.

IV

Em casa de Clara Heydt

Estava bastante frio quando os dois policiaes se dirigiram pela St. Johnstreet. Cortaram pelo viaduto e fôram apressadamente pela Far-rington Bridge Street acima.

Sherlock Holmes ia silencioso. Quasi que ia a correr e desviava-se de vez em quando para passar mais adiante dos transeuntes.

— Temos que procurar outro caminho mais sossegado, Harry.

— Isso agora é que vai ser difficil, mestre. A esta hora estão as ruas tão cheias de gente!

Sherlock Holmes, porém, subiu sem difficuldades de maior a calçada e chegou finalmente aos carris do caminho de ferro. Era proibido seguir por aí, mas o policia quando pensava em fazer uma cousa não se importava com as difficuldades.

Harry seguia atrás dêle.

Por duas ou três vezes passara por pé dêles os flamejantes olhos das locomotivas.

Sherlock Holmes, porém, parecia não dar por cousa alguma do que o cercava pois que não despregava os olhos do chão. Parecia te-

rem-se-lhe petrificado as feições, e o rosto apresentava os sinais seguros de que uma multidão de pensamentos se agitava no cérebro daquele estranho indivíduo.

— Em breve estaremos em caminho plano, mestre! Vê-se já diante de nós a Blackfriars Bridge.

Sherlock pareceu não prestar atenção ao que o discípulo lhe dizia.

— Daqui a pouco vai para cima dos carris e adeus meu caro mestre! pensava Harry.

Mas a atenção de Harry foi atraída por uma circunstância importante. Iam ambos devagar mas de repente Harry estacou como se visse qualquer coisa diante de si. Olhou com mais atenção e pareceu-lhe primeiramente que era impossível o que os seus olhos estavam vendo.

Daquela vez porém o olhar de Sherlock Holmes não tinha dado por coisa alguma, tão embrenhado ia nos seus pensamentos.

Mas o discípulo correu para ele.

— Mestre! mestre! uma mulher!

Estas palavras arrancaram o polícia à sua meditação. Voltou-se para o seu ajudante e ao olhar para as linhas deu com uma mulher inanimada sobre a via.

O que então se passou foi obra de um segundo, ou antes mais rápido ainda se é possível.

No momento em que Harry saltara para a linha o chão estremeceu e à distancia de cem metros apareceram dois olhos faiscantes, perfurando a escuridão.

Com um pulo que tinha o seu quê de salto de ave de rapina, Sherlock Holmes precipitou-se para ao pé do discípulo.

— Para traz!

Estendera o braço direito e dera tamanho empurrão a Harry que este tinha saltado por cima dos carris e galgara a linha.

Nesse mesmo instante passava a locomotiva com a rapidez de um relâmpago.

Harry tornou a olhar para as calhas e deu um grande, um lancinante grito de dor.

Sherlock Holmes desaparecera debaixo das rodas da locomotiva, que lhe passára por cima, e se sumiu na escuridão.

Harry permaneceu por algum tempo estarecido, incapaz de soltar um grito, tomado por um espanto e uma dor sem limites. Na sua pobre cabeça trabalhava sómente este pensa-

mento «Sherlock Holmes foi despedaçado pelas rodas da locomotiva!»

E Harry nem sequer se sentia com animo para ir verificar a horrível catástrofe, para se ir certificar do que acontecera. Não podia acreditar no que tinha visto.

De repente porém viu crescer para ele no escuro da noite uma figura...

Sherlock Holmes!

— Para que diabo gritas tu dessa maneira? Mostra sempre sangue frio meu velho!

— Mas... mas... não pôde ser!

— Sim? Parece-te? Pois então faz de conta que empreguei bruxaria. Ajuda-me entretanto a levantar esta pobre menina que perdeu os sentidos debaixo da pressão do meu pulso.

Harry aproximou-se. Não! tudo aquilo não era mais do que um milagre. E Harry esfregava os olhos duvidando sempre da realidade.

Antes de passar o comboio, o corpo da jovem estava atravessado nas calhas. Agora porém jazia entre elas, deitado ao comprido.

Sem pronunciar nem mais uma palavra, Harry fez o que o mestre lhe ordenára.

Ambos os policias passaram o corpo da inanimada passaram com ele por sobre o caminho de ferro e correram para a rua.

Neste momento passava um automóvel de aluguer.

Sherlock Holmes fez um sinal. O corpo da pobre criatura foi colocado dentro do veículo e em seguida este correu numa rápida carreira para a habitação dos dois policias.

Sherlock Holmes colocou-a sobre o sofá onde ele próprio costumava descansar e disse para o discípulo:

— Na minha caixa há tudo quanto fôr preciso para a fazer voltar a si.

Em seguida pôs o quebra luz na lampada e da tal modo que toda a claridade convergia sobre o rosto da jovem. Harry voltava nesse momento e deu um grito de espanto:

— E' Clara Heydt, sr. Holmes!

— E' verdade!

Passaram-se alguns minutos sem que o polícia conseguisse fazer voltar a si a pobre menina. Finalmente abriu os olhos e olhou em redor, espantada, aterrada...

— Minha mãe!

Como não recebesse resposta olhou para Sherlock Holmes e em seguida para Taxon... Pareceu então recordar-se. Uma subita verme-

lhidão cobriu lhe o rosto e pôs-se em pé apressadamente.

— Meus senhores... não compreendo. Queiram desculpar...

— Descanse um bocadinho, miss Heydt, disse Sherlock Holmes que recuára para o mais escuro do quarto.

— Parece que me aconteceu uma grande desgraça!...

E os olhos muito brilhantes tinham uma profunda expressão de desespero.

— Não ha duvida. Esteve por um fio a perder a vida.

— Caí na rua?

— Para que nos quer enganar miss Heydt?

Miss Heydt procurou penetrar com os seus olhos na escuridão e ler no olhar de Sherlock. Da repente porém pôs-se a pé.

— Agradeço-lhes muito... agradeço... agora deixem-me sair...

— Espere um bocadinho por favor! Me-teu-me cá na cabeça o levá-la a casa!

— Não! não se atreva a isso!

Sherlock Holmes cruzou sossegadamente os braços no peito.

— Então a menina quer proibir a um homem que com perigo da própria vida salvou a sua, que a acompanhe até casa?

Miss Heydt tornou-se pálida como uma defunta.

— Onde foi que me encontrou então?...

— Nas linhas do caminho de ferro!...

— Um profundo soluço abalou todo o corpo da jóvem.

— Pois bem! Confiar-lhe-hei tudo, mas por quem é, não conte nada do que eu lhe disser. Foi um momento de desespero! Desobedeci a Deus, com ti o unico crime que Deus não perdôa, quiz-me matar... Foi um momento de desespero, senhor!...

— Foi nas linhas do comboio que a vi. Um segundo mais tarde e o comboio te-la-ia espedaçado. Precipitei-me para a linha e num momento coloquei o seu corpo entre as duas linhas e com o braço apertei-a tanto contra o sólo que o comboio passou por cima sem nos fazer mal. Mas devo-lhe dizer miss Heydt, que esta foi uma experiencia que eu fiz e que não estou disposto a repeti-la outra vez.

— Ah! o que o senhor fez! murmurou ela levantando os olhos cheios de admiração para Sherlock Holmes. O senhor não é um homem, os homens não são assim tão bondosos!

— Naquele momento talvez não, miss Heydt. As acções que uma pessoa faz no impulso fugitivo de um momento são compreensíveis só para essa pessoa. Por detraz dessas acções está a ironia do acaso e muitas vezes são classificadas como êste meu amigo as classifica, são milagres!

— Foi um milagre foi, mestre! disse Harry. Não é verdade miss Heydt?

A jóvem não se pôde conter por mais tempo. Voltou-se para Harry e perguntou-lhe.

— Donde é que me conhece? Parece-me que já o vi não sei quando!...

— Ontem, na sala do concertó.

Então miss Heydt recordou-se de tudo. Mas ao mesmo tempo pareceu recordar-se de qual-quer caso pois que escondeu o rosto nas mãos e principiou a soluçar.

O policia caminhou para ela e disse:

— Miss Heydt, é tempo de voltar para sua casa. Chamo-me Sherlock Holmes!

Foi como se um raio a tivesse atingido. Os olhos tornaram-se desmesuradamente grandes e as mãos enterraram-se-lhes nos cabelos que lhe caíam livremente sobre os ombros.

— Ah! meu Deus! é o senhor! Por quem é, tenha pena de mim! Peço-lhe que tenha pena de mim. Ajude-me, salve-me a mim e a êle!

E aconteceu então a coisa mais extranha e mais comovente que Harry Taxon tinha presenciado durante a sua vida, e que lhe proporcionou um novo abalo. Sherlock Holmes o grande policia, tornado celebre em todo mundo pelos seus feitos, correu para a donzela, agarrou-lhe as mãos que ela conservava erguidas para êle e beijou-lhas ao mesmo tempo que murmurava docemente.

— Ajuda-la-ei! Tenha confiança em mim!

Então a jóvem acenou com a cabeça e meio sossegada aceitou o braço que o seu salvador lhe oferecia. Desceram a escada e chamaram um trem.

— Antes queria que o senhor não viesse comigo até a minha casa! Antes queria!...

— Contudo é forçoso que eu lá vá! replicou o policia.

E a voz do policia tinha qualquer coisa de saave e carinhosa, aquela voz que habitualmente era tão doce e seca.

Miss Clara Heydt não replicou coisa alguma. O carro continuou a andar durante meia hora até que parou em London East End, não muito

distante da estação de Liverpool Street, de frente de uma casa que bastava olhá-la para se ver logo que os habitantes não gozavam de desafogo e que a riqueza era coisa desconhecida para eles, Clara Heydt inclinou-se, safu do carro dirigiu-se para a porta da casa e por instantes pareceu querer dissuadir o polícia e discípulo de irem a casa dela.

Mas desistiu, e começou a subir a escada. No primeiro andar abriu-se uma porta. Ambos os policiaes ficaram no escuro corredor. Só dentro acenderam uma luz e uma voz fresca e juvenil, voz de criança, que neste momento se adivinha, cheia de angustia, perguntou:

— E's tu, Clara?

— Sim, sou eu, meu amor!

Uma luzita fraca e mortíça apareceu à porta lançando os seus clarões vermelhos sobre o rostinho de uma menina de cerca de dez anos e que se precipitou ao encontro de Clara,

— A mamã dorme?

— Dorme, sim!

— E deste-lhe o remédio?

— Dei. Fez-lhe muito bem,

Clara Heydt lançou um olhar para o corredor que havia na escada, apertou a jóvem menina nos seus braços e beijou-a sufregamente.

— Ouve, meu amor! Estive tentada hoje a fazer uma grande tolice!... Sim meu tesouro... fui covarde, muito covarde! Agradece a estes senhores o teres-me de novo junto de ti.

A criança pareceu não compreender lá muito bem o que se passára. Mas levada pelo instinto percebeu que alguma coisa terrível puzera em risco a vida de sua irmã, eram irmãs, e a semelhança de ambas era pasmosa, que um perigo qualquer a ameaçava e que aqueles dois homens a tinham salvo.

Caminhou, pois, para elles, e disse-lhes com simplicidade não isenta de nobreza:

— Agradeço-lhes muito meus senhores.

Sherlock Holmes tomou as mãos da criança nas suas durante um momento e viu-se depois no interior da casa.

— Anda devagar, Harry. A dona da casa está a descansar!

Harry Taxon reconheceu com terror a miséria que reinava naquela casa, que não servia de casa de fóra como tambem de quarto de dormir de três pessoas,

Tinha já visto diferentíssimos lares durante a sua vida de polícia e podia portanto estar ao par do que é a miséria em Londres.

Ambas as jóvens se tinham metido a um canto do aposento. Sherlock Holmes estava a meio da casa, e olhava em redor lentamente. Foi então que lhe atraía a atenção um vestido branco pendurado nas paredes e contrastando com tudo o que ali existia.

Sherlock Holmes olhava tão fixamente o vestido que a jóvem foi obrigada a dizer num tom de voz apagada, quasi extinta:

— Amanhã é o dia do meu casamento.

Sherlock Holmes fez um aceno com a cabeça como se tudo o que lhe dirigiam não fôsse uma novidade. O seu olhar pousou sobre a velha senhora adormecida, e depois sobre a criança.

De repente adiantou-se para a jóvem.

— Ontem quando eu a vi no concerto não trazia uma pulseira?

A jóvem olhou muito confusa para o seu braço e bem torneado braço,

— Sim! é verdade!

— Faz-me favor, deixa-me ver essa pulseira?

— Não posso, sr. Holmes!...

— Em que joalharia é que a vendeu?

Porém a jóvem nada encontrou para responder. Olhou para a mãe adormecida como que a pedir-lhe socorro e depois exclamou baixinho com a voz velada pelas lágrimas:

Por quem é! não fale tão alto! Foi roubada Ninguém o deve saber, pois do contrário minha mãizinha morre-nos!

— Também nada mais quero saber. O que lhe peço é que me dê licença para escrever algumas linhas,

Miss Heydt chegou uma cadeira para a velha mesa.

—Queira desculpar, a pouca comodidade sr. Holmes. Antigamente não era assim, não! Nesse tempo ainda meu pai vivia...

Ao mesmo tempo que dizia isto trazia tinta e papel.

Sherlok Holmes pegou numa folha do papel que lhe apresentavam e como se falasse consigo próprio, disse:

—Este papel não é lá muito vulgar!...

—Recebi-o do meu noivo!

—Muito bem. Foi lá também que eu o vi!

E entretanto o grande polícia punha-se a escrever o que segue:

«Autorizo a portadora a receber do meu depósito no Banco de Inglaterra a quantia de duzentas libras.»

Sherlock Holmes.

Miss Heydt não viu o que o polícia escreveu. Este dobrou a carta e disse:

—Podia-me dar um bocadinho de lacre?

—Da melhor vontade,

Trouxe lacre e um sinete que era ainda com certeza dos tempos da prosperidade pois que o cabo era de marfim.

Sherlock Holmes selou a carta. Mas no momento em que retirava o sinete, Harry Taxon debruçou-se sobre o ombro do mestre e com os olhos muito abertos leu as seguintes letras: C. H.

E fez-se então luz no seu espírito. C. H... S. C... havia uma tal ou qual ligação naquilo tudo! Mas foi-lhe impossível achar o fio da meada.

Naquele momento Sherlock Holmes levantou-se.

—Quer-me fazer o favor de ir amanhã com esta carta ao Banco de Inglaterra?

—Se com isso lhe posso ser útil, então vou da minha vontade.

—Pois bem, dar-me-à, muito gosto se o fizer. E se vê que lhe posso servir nalguma coisa...

Miss Heydt poz-se a olhar para o chão, embaraçada. No quarto reinava um grande silencio. A velha senhora parecia estar mergulhada num sono profundissimo pois que nem bulia.

Por fim a jovem ergueu a cabeça.

—Quería pedir... Trata-se... Lembra-se do caso que se deu ontem no concerto?

—Sim, menina.

—Um tresloucado tentou matar o sr. Crofton...

—Exactamente. Lembro-me muito muito bem.

—Quer-me pedir que vele pela segurança do senhor Crofton?

—Não!

—Peço-lhe... que vele... pelo outro!

Sherlock fez um gesto de assentimento, pegou no chapéu e saiu.

Harri Taxon seguiu-o. Dentro da casa extinguia-se a luz pouco a pouco e no escuro patamar nada mais se ouvia do que soluços. Sherlock Holmes voltou-se e perguntou:

—A que horas é o casamento?

—Às dez da manhã, sr. Holmes.

—E dá-me a sua palavra de honra que não tornará a fazer tentativa igual á de hoje e que ia deixando ficar á caridade publica, a sua pobre irmãzinha?

—Sim, sr. Holmes, Dou-lhe a minha palavra.

Sherlock Holmes foi descendo a escada e a meio, disse para o discípulo:

—Coitada! pouco tempo terá mãe!

V

A vitória do inspector

O Inspector Snatterbox tinha tomado a peito a perseguição de lady Astor, e não havia diabos que o dissuadissem da empresa; muito embora não podesse dar uma explicação em termos da sua teimosia nem dizer qual a razão porque a jovem senhora havia de estar envolvida no misterioso roubo.

—Tudo isso nada vale! dizia êle para se sossegar a si proprio! Sherlock Holmes, quando alguém lhe pergunta qualquer coisa responde immediatamente:

—«Não sei... O caso não está seguro... segundo me parece, etc.» Pois bem! Também a mim me parece... que esta jovem, a quem Sherlock Holmes tanta atenção prestou, tem muito que ver com o crime de que tratamos e portanto amigo Snatterbox, é preciso que a policia a traga debaixo de olho! Isto é uma coisa que não custa nada, e não a prejudica a ela nem tão pouco a mim!

A cantora, porém, não seguiu logo para casa mas sim para um restaurante onde ceou.

O inspector Snatterbox seguiu-a até ao gabinete que já estava preparado para ela no restaurante.

—Esta senhora é que é lady Astor, não é verdade?

—Sim senhor.

—Onde mora esta dama?

—Mora na Leadenhallstreet 17, mas o que tem o senhor que ver com isso?

—Não seja atrevido, seu garoto!

E abandonou o restaurante.

—Tudo vai ás mil maravilhas! pensava lá para consigo. Ia apostar em como esta madame espera qualquer individuo no restaurante...

Quem sabe o que este individuo terá com o roubo da ourivesaria! Mas espera! Tenho meio de saber isso tudo!

Assegurou-se de que tinha a gazua na algi-beira e poz-se a caminho da casa da cantora.

Ao chegar lá, abriu a porta, subiu a escadaria e depois de muito rebuscar deu finalmente com a porta que conduzia á casa da cantora e meteu a gazua na fechadura.

Depois de varias tentativas conseguiu abri-la. Tudo estava silencioso. Se havia criadagem estava com certeza bem ferrada no sono. Snatterbox entrou na ponta dos pés fechou a porta atraz de si com toda a cautela e começou a inspecionar ao clarão da sua lanterna o vasto e bem mobilado aposento.

—Procedi tal e qual como Sherlock disse.

Nada lhe daria tamanho contentamento como do' que a certeza de que Sherlock em identicas circumstancias teria feito o mesmo.

Em seguida dirigiu-se para o quarto de dormir de lady Astor.

Poz-se a reflectir. Reflectiu de novo. Reflectiu depois terceira vez...

Ora! disse lá para consigo, porque não? Não devo recuar diante de nada, contanto que possa conhecer a vida privada desta mulher!

E tomando uma rápida resolução apagou a lanterna e meteu-se debaixo da cama.

O luar penetrava pelos stores e vinha desenhando arabescos de luz sobre o tapete. Ao inspector parecia-lhe o tempo comprido como trezentos diabos. Tratou pois de o iludir, e primeiro poz-se a considerar como a luz da lua era tão bela e sabia fazer desenhos tão esquisitos e fantasticos. Depois começou a correr os dedos pela macia penugem do tapete... Depois... depois meteu as mãos debaixo da cabeça para estar mais comodamente e finalmente adormeceu.

O inspector Snatterbox era um individuo a quem a insonia jámais apoquentara. Adormeceu pois, como já dissemos. Quanto tempo esteve assim é que elle não pôde saber nunca. Mais foi despertado por um ruido qualquer que houve no quarto e levantou a cabeça...

O quarto iluminara-se de repente e lá dentro havia agora uma luz viva purpurina. Viu ao seu lado esquerdo um livro caído e que fora exactamente o causador do ruido que o acordara e agora ouvia uma voz fina que dizia,

—O que é isto?

Mas o inspector nem se mecheu. Então appareceu um braço branco, apanhou o livro e desapareceu de novo.

Seguiu-se um silencio. O inspector poz-se a reflectir que de nada lhe servia o estar ali pois que daquela maneira de modo nenhum conseguiria vir a saber qual a relação em que lady Astor estava para com o misterioso roubo.

Reconheceu com imensa raiva que sómente elle e não lady é que estava prisioneiro. Lady Astor tirara uma cigarrilha de uma cigarreira de prata que estava sobre a mezinha de cabeceira, acendera um fosforo e atirara este aceso para o tapete, sem se importar com isso, e começara a expellir nuvens de fumo azulado para o teto.

—Mau! isto agora é que não convém! murmurou Snatterbox.

Foi muito surratemente com a mão por sobre o tapete e apagou o fósforo.

—Ora a desmazelada! Diabos a carreguem!... dizia Snatterbox furioso e falando lá para consigo.

A sua grande e cabeluda mão foi rastejando... apanhou o fosforo e apagou-o.

Lady Astor curvou-se pela segunda vez sobre a borda do leito e pela segunda vez tambem viu aquella mão cabeluda que saía de debaixo da cama e apagava o fosforo.

Pôz-se a reflectir.

Não esteve para acender outra cigarrilha. Viu que tinha debaixo da cama um criminoso que naturalmente nada mais esperava do que a ocasião em que toda a luz electrica se apagasse para a assassinar.

Não sentiu terror nenhum e não fez um unico movimento para fugir.

Mas depressa compreendeu que era também muito possivel que o criminoso não estivesse para esperar por mais tempo. De modo que tomou uma rapida e corajosa resolução.

Pegou noutra cigarrilha acendeu-a e atirou o fosforo a arder para o tapete. No momento porém em que viu o misterioso hospede apagá-lo com a mão esquerda saltou pelo lado direito da cama, precipitou-se para a porta, fechou-a apoz si, correu para o quarto visinho, fechou tambem a porta que deixava para o corredor e correu por este fora.

Snatterbox queria aproveitar a ocasião para inspecionar a lady. Safu do incomodo esconde-

rijo, sacudiu-se da poeira, respirou profundamente e correu para a porta.

Foi então que viu que estava fechado à chave.

— Hom'esta!...

No mesmo instante deteve-se.

Ouvia-se gritos penetrantes... as campainhas electricas tocavam desalmadamente... vozes masculinas gritavam na rua... gritos de mulheres... gritos de socorro.

— Oh! com os diabos! disse o inspector bufando como um gato. Querem ver que tentaram arrombar a casa da lady?

E atirou-se com toda a força do corpo contra a porta para a arrombar e correr em socorro da lady. Mas o criminoso parece que duplicava as suas forças, pois que os gritos tornaram-se mais vivos, mais extensos e o borborinho na rua recruscedeu.

— Pois bem, hei-de salvar lady Astor!... Mas caramba! que raio de barulheira. E dizer eu que estava aqui debaixo da cama enquanto aqui perto se tramava um assalto.

E atirou-se de novo contra a porta e com tal força que esta voou em estilhaes.

— Socorro! socorro! gritava lá de dentro um mar de vozes.

— Lá vou! lá vou! ululava Snatterbox atirando-se contra a segunda porta, e servindo-se até do massiço crânio para a arrombar.

A porta cedeu. O inspector precipitou-se pelo corredor fora como uma bala de canhão, indo parar aos braços de quatro robustos agentes da policia que o seguraram bem.

— Já cá o temos minha senhora! Sossegue dizia o mais edoso.

— Oh seus idiotas! Lá dentro comete-se um assassinato! replicou Snatterbox ofegante.

— Deixe-se lá de cantigas seu gajo! ordenou o funcionario policial.

Entretanto Snatterbox via com grande espanto aproximar-se a celebre cantora envolvida num penteador.

— Teem-no bem seguro? perguntou a cantora.

— Não tenha cuidado minha senhora! não tenha cuidado! Se elle se mexe, quebramos-lhe os ossos!

— Ah meu Deus! Deve ser um terrível criminoso dizia lady Astor.

— Já lhe encontrámos duas facas,...

Snatterbox estava fóra de si com raí a.

— Isto é que se chama fantasia! Grandes imbecis!

— Quem sabe se também uma Bronwning! disse a criada grave.

— Dá-lhe um sapapo ó Jim! exclamou um outro policia.

— Com trezentos milheiros de diabos! Eu sou,...

E lá levaram à fôrça o inspector pelo corredor fóra.

Fizeram-no descer de galgão as escadas e lá em baixo esperava já um automóvel com um policia.

— Para dentro com elle!

— Oh suas bestas! Olhem que eu sou,...

Porém, não se pôde ouvir mais nada. Um policia saltou para junto do chauffeur,

O automóvel pôs-se em movimento.

Antes que os policias chegassem com o prisioneiro à Scotland Yard, tocou o telefone em casa de Sherlock Holmes.

— Raios os parta! ululou Harry. Mal uma pessoa vai a pegar no sono, começam estes tipos com a parodia,...

Aqui Sherlock Holmes! — Aqui Scotland Yard! Oiça sr. Holmes, houve agora um caso interessante. Quer que lho relate já?

— Diga!

— Em casa de lady Astor houve tentativa de assassinato. Foi lá preso um patife armado de sete revólveres e quatro facas!

Harry escutava atentamente.

— Em casa de lady Astor?

— Sim.

— Quem é que foi lá?

— O sargento Burdon.

Sherlock Holmes tinha acordado também.

— Em casa de lady Astor? Pergunta-lhe lá se já verificaram quem é o criminoso.

Harry fez como lhe diziam.

— Ainda não! Trazem-no num automóvel para aqui! foi a resposta.

— Sr. Holmes! isto é uma pouca vergonha!

— É você Snatterbox?

— Foi uma pouca vergonha o que me fez sr. Holmes! uivou de novo a tal voz.

— Oh homem! O que foi? diga lá!

— Lançar-me na perseguição de lady Astor!

Harry não pôde ouvir mais. Desatou à gargalhada e riu, riu, como nunca na sua vida tinha rido. E as suas gargalhadas, chegaram em ondas ao ouvido do inspector que no es-

critório de Scotland Yard, depois de finalmente o terem reconhecido, falava ao telefone para casa de Sherlock.

— E ri, o malandro! Que infâmia, que vergonhosa acção!

Os agentes estavam todos formados em fileira, com a mão em continência e silenciosos. O sargento Burdon ficara com o colarinho arancado e o uniforme todo às tiras em resultado da refrega. E continuou:

— Não tivemos culpa! V, Ex.^a trazia dez revólveres e dezessete facas,...

— Não diga asneiras, seu estúpido! disse o inspector com uma voz que fazia tremer as paredes. Não tinha cá facas nenhuma comigo!

— Mas tinha-se ido esconder debaixo duma cama alheia!

— E você tem alguma cousa com isso, sargento? Tem alguma cousa que ver com as camas, debaixo das quais eu me escondo? E você não compreendeu ainda seu bruto, seu asno, que eu estava na pista de um crime monstruoso?

O sargento abanou a cabeça quadrada e larga, murmurando:

— Não sr. inspector! não compreendi,...

— Porque é uma besta! Porque na Scotland Yard não há senão burros!...

Os agentes sorriam disfarçadamente,

— Exceptuando eu, é claro!

Neste momento entrou um outro agente.

— Uma carta para o sr. inspector!

O inspector rasgou-lhe o sobrescrito, abriu-a e leu.

— Sigam-me!

— Oh rapazes, vocês ouviram, hein? na Scotland Yard não há senão burros! Logo estamos mettidos no rol... exceptuando este... Não digas nada e vai atrás dêle!

Mas seguiram o inspector e lá foram correndo para se porem ao lado dêle.

— Não se quer primeiro arranjar, sr. inspector,

— Para Sherlock Holmes me passar adiante? Para a frente! Vamos apanhar o individuo que roubou o broche de Nena Sahib.

Os agentes a quem luzia já o olhar com a mira na recompensa, apressaram-se e foram correndo pelas ruas de Londres. Vinha rompendo a aurora avermelhando levemente a casaria. Os raros caminhantes que viam passar o inspector com os subordinados paravam ato-

nitos sem compreender nada, espantados por o verem com o fato rasgado e todo em desordem

Por fim chegaram a uma casita modesta a sudeste de Londres.

— Arrombem a porta! disse o inspector.

Um dos polícias ia meter um pontapé á porta...

— Não é necessário inspector. Está aberta.

Entraram e precipitaram-se pela escada acima.

Veiu-lhes ao encontro uma petizita, uma leiteirinha que porém, ao vêr a caça de selvagem que ali se praticava, quiz fugir cheia de terror deixando cair por terra a bilha do leite. O inspector porém perguntou-lhe com voz trovejante.

Móra aqui Fred Buller?

Sim senhor! disse a leiteirinha fugindo.

A porta abriu-se e um moço muito palido de grandes cabelos pretos deitados para traz appareceu dizendo muito sossegado:

— Sou eu mesmo. Tenho estado à espera de ser preso,...

O inspector olhou-o ameaçadoramente.

— Esperou muito tempo? Parece-lhe?

— Como! Se eu lhe escrevi.

— Devia me ter escrito há mais tempo. Rapazes! o tipo vai preso.

Fred Buller colocou-se sossegadamente no meio de dois policias. Entretanto Snatterbox remexia tudo no quarto do preso. Um dos polícias veio em auxilio de Snatterbox.

Debaixo do colchão da cama onde Fred Buller dormira, estava o tão procurado broche de Nena Sahib...

VI

Uma bôda interrompida

Rompera a manhã.

— Diz ao rapaz que me vá lá buscar um crisantemo todo branco, e outro para ti também, dizia Sherlock Holmes ao discípulo.

Mas este parecia não ter entendido.

— Um crisantemo?

— Pois está claro! não vamos nós hoje a um casamento?

— Ah! o casamento de Clara Heydt?

— Então qual é que havia de ser? E trata de vestires o melhor fraque, meu velho!

E Sherlock Holmes começou-se a vestir com todo o sossego, lá para tirar o chapéu de pasta de dentro da chapeleira, quando o criado veio anunciar:

— Inspector Holmes ergueu-se. Na sua frente estava Snatterbox.

— O quê? Vai passear já, às nove horas? E para mais de fraque!

— É como vê inspector!

— Vai a algum banquete?

— Então por que julga que está com esses modos tão ofensivos inspector?

— Porque vejo que se quer casar!

— Mas porque razão é que eu me havia de ir casar? Há mais gente por esse mundo que queira cair na asneira de o fazer...

— Seja como fôr, deve ser uma alta personalidade aquela que o faz ir assim de fraque logo pela manhã, sr. Holmes!

— É uma jovem, inspector, uma jovem que para mim é a pessoa de maior consideração que pode haver, porque aprendi a conhecer o seu excelente coração e todo o meu desejo é podê-la fazer feliz!

Snatterbox deixou-se cair sobre uma cadeira.

— Ah como você está sentimental! Bem se vê que vai envelhecendo!

Neste momento entrou Harry Taxon.

— Olá, inspector! Sabe no que eu estava a pensar enquanto ali dentro o ouvia? É que você devia casar... mas com uma mulher de sessenta anos.

— Cále-se seu estúpido! Você sabe lá se eu sou ou não casado? Posso ter casado às escondidas... Sempre tive uma sorte fabulosa com as mulheres!...

— É claro! disse Sherlock, Mesmo nunca vi ninguém que tivesse nascido como vê como você com tanta queda para D. Juan, meu caro inspector!

— E' como canta! disse Snatterbox, a quem a ironia passara despercebida. E muito me alegro sr. Holmes, que o senhor pelo menos desta vez se não tenha metido nos negócios alheios.

— Olá!...

— E' claro! Se me não engano, a história da pulseira de Nena Sahib, enteressou-o muito já?

— Olhe que era um broche, inspector!

— Diz bem, um broche. Pois meu amigo, os seus diagnostics saíram-lhe todos errados.

Bem se sabe que o senhor é um homem inteligente... Mas um joalheiro diz que lhe roubaram um broche. E vai o senhor, o que é que fez? Procurar o broche? Ora! Toca mas é a procurar um cabeção de renda de oito pence o metro. Por acaso isto é lógico?

— E depois?

— Aposto que da primeira vez que lhe digam que foi roubado um cabeção de rendas, o senhor vai procurar um broche!

— Não há nada impossível neste mundo!

— Pois sabe o que eu fiz?

— O que foi?

— Fui antes procurar a joia!...

— Debaixo da cama alheia! disse Harry.

Snatterbox exclamou, furioso como um gato a quem pisam o rabo:

— E aonde queria você que eu a fôsse buscar? Á minha cama? Você seu estúpido, anda sempre de focinho no ar e nunca apanha nada! Mas eu... Adivinhe lá sr. Holmes o que é que eu tenho em meu poder.

— Um pássaro? perguntou Sherlock.

— E' verdade; um pássaro! Mas que pássaro! Nem mais nem menos do que o ladrão do broche de Nena Sahib!

— E naturalmente o broche também! disse Sherlock Holmes acabando a sua toilette.

— O broche também!... O que é que o senhor quer dizer com isso?...

— Digo-lhe que as minhas ordens indirectas fôram executadas com todo o zelo inspector.

— Hein? Que é que o senhor está a dizer?

— Digo-lhe que o senhor procedeu como eu desejava e desempenhou exactamente o papel que eu lhe tinha destinado nos meus planos.

— O senhor fala chinês? Que diabo está o senhor dizendo? Tinha-me destinado um papel? Se me dá licença, procedi mas foi por iniciativa própria!

Sherlock Holmes desatou a rir.

— Você procedeu por sua iniciativa inspector? Ah! ah! não está mal arranjada não senhor! Então o senhor não recebeu uma carta na qual um manco se acusava de ter sido autor do roubo?

Snatterbox mordeu os beiços e em seguida exclamou:

— Mas... mas... como diabo é que você soube disso?

— Fui eu mesmo que ordenei á pessoa de que falo que o fizesse,

— O senhor está a mangar comigo!

— Nem por sombras! Fui eu mesmo quem escreveu ao dito mancebo e lhe disse que era melhor ter a coragem de dizer a verdade e poupar assim trabalho à polícia.

— Sim senhor! O meu caro amigo é muito esperto... mas diga-me uma coisa: como se chama o indivíduo de que se trata?

— Isso agora é que eu não sei!

— Ah!... E correspondia-se com êle! Por meio de transmissão de pensamento, não é verdade?..

— Tenho muita pena que não queira acreditar mas posso-lhe garantir que é tudo assim. Deixe ficar em certa parte uma carta, dirigi esta a um outro indivíduo e a carta lá foi parar, embora indirectamente.

Snatterbox deu um salto.

— Vem tudo a dar na mesma... Não pode ser.

Harry Taxon adiantou-se.

— O' inspector! Olhe que vou lá dentro buscar um ovo e provo-lhe com êle que o... .

— Seja lá como fór! o caso é que apanhei o melro; Tenho-o seguro e possuo tambem o broche de Nena Sahib!

— Não é tanto assim, replicou Sherlock enquanto o criado lhe ajudava a pôr a capa de pele. Você não tem em seu poder o ladrão! Nesse ponto está muito enganado.

— Não tenho o ladrão? Mas se o senhor diz que lhe escreveu para êle se denunciar!...

— Escrevi ao que era realmente o ladrão...

— Ora deixemo-nos de lérias! Tenho mais que fazer do que estar a ouvir os seus palões!

— Tem muita razão! Tenho até mesmo um encargo para si... para lhe dar.

— Sim? Tenho muita pena, mas o senhor não tem nada que ver comigo. Quem me dá que fazer é somente a Scotland Yard. Não sou seu empregado!

— Mas é um servo da justiça.

Snatterbox tomou uma pose imponente e replicou:

— Ah! lá isso sou.

— E é por isso mesmo que lhe peço que me acompanhe: para prender a pessoa que por vias ilícitas se apoderou do broche de Nena Shaib.

Mas Snatterbox replicou.

— Se o senhor assim continuá, dentro em pouco as prisões de Londres não chegam para

conter todos os ladrões e todas as outras criaturas que o senhor acusar de terem roubado o broche de Nena Sahib!

— Perdão, inspector! acuso somente uma pessoa! Se o senhor prendeu um inocente eu cá nada tenho com isso.

— Mas foi o senhor mesmo quem me mandou o falso criminoso! E não será ignóbil que o senhor ande continuamente a mangar comigo? Vou segui-lo, sim, irei consigo, porque sempre quero ver como é que o senhor se dessembaraça da meada que arranjou! Ainda está convencido da tal teoria das rendas?

— E' claro! Mas venha... Oh, domónio! são nove e meia! Não temos tempo a perder!...

O automovel pôs-se a caminho.

— Para a administração do 14.º bairro!

O automovel seguiu rapidamente. Mas ao chegar à administração viu unicamente flores esmagadas, porém, carruagem, nenhuma... nada de povo, de cortejo costumado de todos os casamentos.

Sherlock Holmes tornou-se inquieto.

— Não pode ser...

Saltou do auto e desapareceu no interior do predio. Ao cabo de três minutos voltou de novo.

— Por o noivo assim o desejar, a cerimonia do casamento foi realisada meia hora mais cedo do que estava apazado...

Voltou-se para o *chauffeur* e disse:

— Marche immediatamente para o Hotel Victoria.

O automovel seguiu numa carreira vertiginosa para o Hotel Victoria.

— Louvado seja Deus! disse Sherlock Holmes. Ainda chegamos a tempo.

No corredor que conduzia à sala, o inspector deteve Sherlock Holmes perguntando-lhe:

— Quem é o ladrão?

— Homem, espere um bocadinho! Já vai ter o gosto de o conhecer!

— Mas, dê-me licença, que razão tinha o senhor para me fazer prender Frede Buller?

— Ah, sim? Chama-se Fred Buller? Pois bem, vou-lhe dizer as minhas razões. Mande-o prender porque se assim não fôsse o pobre rapaz tinha feito por aí das suas e naturalmente a estas horas o verdadeiro bandido tinha já sido espingardeado que era mesmo um consolo!

— De modo que eu sou mais um carcereiro do que um empregado da policia?

Sherlock Holmes tinha já levantado o reposteiro que tapava a porta de entrada do elegante salão.

— Ah! o sr. Ben Tiber! Mas que agradável acaso é que o traz aqui?

Lady Clara deu um grito abafado e murmurou:

— Sherlock Holmes!

Teria o noivo percebido? O nome teria chegado aos seus ouvidos?

O copo escapou-se-lhe das mãos e o líquido correu pelo tapete, espalhando-se em pérolas...

— Por quem são não se incomodem! dizia Sherlock muito satisfeito, Recebi o seu convite, sr. Crofton, e permiti-me a liberdade de trazer mais dois dignos convidados. Um já o senhor o conhece: o inspector Snatterbox de Scotland Yard; o outro é um meu amigo, um meio irmão daquele que dentro em pouco vai aparecer aqui, o sr. Fred Buller.

O rosto de Samuel tornou-se verde.

— O quê? Fred Buller? Ah! naturalmente é o mesmo que foi preso hoje de manhã?

— Exactamente! Dei-lhe, porém, a liberdade, pois que se provou haver um engano de pessoas,

Entretanto os criados tinham trazido três cadeiras. Sherlock Holmes sentou-se.

Lady Clara inclinava-se quasi desfalecida sobre a cadeira.

— O senhor provou haver uma troca de pessoas? Mas éle foi preso por causa do roubo praticado em minha casa!...

— Oh! não, meu caro senhor... Foi por causa do broche de Nena Sahib,

Ah, sim! Mas não o encontraram em casa d'ele, julgo eu,...

— Encontraram sim, senhor!

O rosto do noivo tornou-se ainda mais pálido

— Sim? Acharam-no? Então é esse individuo o chefe dos bandidos de Londres e que a policia já tanto tempo procurava em vão?

Sherlock Holmes bebeu um golo de vinho,

— A' saude de V. Ex.^a. Mas como ia dizendo, O ladrão de que V. Ex.^a se queixava não era éle.

— Então foi preso injustamente?

— Não! Eu é que preciso de me explicar melhor. Fred Buller foi preso porque realmente praticou o arrombamento de que V. Ex.^a se queixa.

— Mas o broche de Nena Sahib?

Sherlock Holmes fitou um olhar duro e gelado sobre Crofton.

— Roubou-o éle em sua casa!

— Não é possível, sr. Holmes!

Êste dera um salto.

«Não! não é possível! E' tudo uma refinada calunia! Uma mentira!

— Sim?! Tudo quanto eu disse é a pura verdade! replicou Sherlock Holmes.

— O senhor já devia saber... mas porque foi que se calou com o nome do criminoso se já o conhecia muito bem?

— O quê? Eu conhecia Fred Buller?

— O senhor esteve em frente d'ele e viu-o num espelho.

O rosto de Crofton tornou-se côr de cêra. As suas feições duras tornaram-se inexpressivas e o rosto contraiu-se espantosamente diante dos olhos dos preserres

Como... como pode o senhor... sustentar que...

— Isso é comigo. O que fica estabelecido é que o senhor esteve de posse do broche de Nena Sahib,

— Mas não o roubei! Nunca! nunca! Procure o verdadeiro criminoso.

Sherlock Holmes pôs-se em pé.

— A pessoa que roubou o broche de Nena Sahib, essa conheço-a eu, sr. Crofton.

— Magnifico! Mas nesse caso dirija-se a ela e não a mim!

— Sr. Crofton, essa pessoa resgatou a sua falta e não pode portanto ser castigada.

Ouviu-se um profundo suspiro. Lady Clara abriu os olhos, O peito arquejava-lhe tumultuosamente e um sorriso de loucura errava-lhe pelos labios,

O olhar de Sherlock Holmes pousou ao de leve sobre ela e em seguida tornou para Crofton.

— Que é que isso quer dizer? Resgatou a sua falta?

— Sim! Tornou a mandar àquele a quem pertencia o broche de Nena Sahib, e ha ainda pouco tempo. De modo que, uma vez que o joalheiro Thomaz retira a queixa, os empregados da policia nada mais têm que ver com isso.

— Pois bem! replicou Samuel Crofton mais aliviado, apesar de tudo não compreendo como é que o broche caiu em poder de Fred Buller e como é que o senhor ousa dizer que o cri-

minoso o encontrou em minha casa! E para acabarmos com isto: o que é que o senhor quer daqui?

— Tornar inofensivo um miseravel e nojento criminoso!

Os olhares dos dois homens cruzaram-se como espadas afiadas.

Samuel Crofton enguliu em seco e disse:

— Mas senhor... a quem se refere?...

— A si!

Voaram pelo ar dois copos... Samuel Crofton metera rapidamente a mão na algibeira do fraque... nma faca brilhou à luz... mas o olhar do miseravel encontrou o reluzente cano de um revolver que Sherlock lhe apontara à frente.

— O broche de Nena Sahib pôde ser encontrado em sua casa porque o senhor soube aniquilar as boas intenções da pessoa que illicitamente se apoderou da joia indiana. Foi o senhor quem violou o envoltorio selado a joia estava encerrada; quem roubou de dentro a joia e selou de novo o embrulho com um novo sinete, enviando depois a encomenda, isto é, o estojo vazio para a ourivesaria Thomaz na intenção de na primeira ocasião vender o joia. Foi impedido disso por uma terceira pessoa que tinha especial empenho em salvar aquela que por sua causa tinha roubado... quer que diga mais? Bem vê: sei tudo...

Samuel Grofton deixára cair os braços ao longo do corpo. Via agora perfeitamente que toda a resistencia contra aquele sobrehumano, aquele estranho cavalheiro andante da justiça, era inutil, era rematada loucura.

Inclinou-se, dizendo:

— Permita-me que me despeça da minha esposa!

E voltou-se para lady Clara que de repente recuou diante d'ele, como se tivesse visto qualquer coisa horrivel...

Ouviu-se um barulho enorme... uma grande sombra correu por sobre a mesa de jantar.

Sherlock Holmes dera um salto gigantesco por cima da mesa e colocara-se entre Samnel Grofton e lady Clara.

— Contente-se com a prisão que o espera sr. Crofton! Os assassinos corresponde a força!

E ao mesmo tempo que dizia isto, com um murro abatia o criminoso que tinha puxado da faca para assassinar aquela que havia uma hora era sua esposa.

Uivando como uma hiena, a boca espumante Samuel Grofton precipitou-se para o aposento contiguo.

Sherlock Holmes voltou-se.

— Inspector Snatterbox, exerça as funções do seu cargo!

Snatterbox precipitou-se em perseguição do criminoso.

Antes porém que chegasse à sala para onde se dirigira Grofton ouviu-se um tiro. Harry seguiu o inspector, abriu a porta de entrada e voltou-se dizendo:

— O sr. Crofton subtraíu-se á acção da justiça!

Lady Clara apoiara-se a Sherlock Holmes.

— Miss Heydt, dizia-lhe elle, sofreu muito, e portanto posso-lhe dizer que lhe está reservada uma sorte mais digna da sua alma.

— Sabe tudo?

Tudo.

E... a vergonha não cairá sobre mim?

— Nada lhe acontecerá... Sente-se com forças para me acompanhar até ao juizo de instrução?

Miss Heydt cambaleou e apoiou-se à mesa.

— Se isso posses ficar para outra ocasião — Como queira. Dei ordem para que entretanto Fred Buller fosse lá conduzido.

Os olhos da jovem iluminaram-se.

— Não! não! Sinto-me com forças. Vou já consigo.

Sherlock Holmes acompanhado por Snatterbox, que ia muito silencioso, pelo discipulo e por Miss Heydt dirigiu-se para o Palácio da Justiça, onde o juiz de instrução que já fôra prevenido com antecedência esperava por elle.

A pobre Miss Heydt a quem a comoção dera umas rosetas vermelhas que lhe tornavam a face mais encantadora ainda, entrou muito hesitante no gabinete do juiz em cuja parede do fundo se ostentava o quadro symbolico da Justiça.

O juiz lançou um olhar investigador sobre a pobre menina.

— Sr. Holmes, permita que lhe apresente os meus mais sinceros cumprimentos e lhe diga que estou á sua disposição.

— Primeiro que tudo deſejo-lhe apresentar uma declaração do joalheiro Thomaz, e por meio da qual o dito senhor desiste da queixa apresentada por causa do roubo e do broche

de Nena Sahib, uma vez que a joia lhe foi já entregue.

O juiz acenou com a cabeça.

— Está tudo perfeitamente em regra. Mas eu não sabia que o broche já fora entregue; mandaram-me para cá um indivíduo.

— Permita-me senhor que lhe dê alguma informação sobre o caso.

Sherlock assentou-se entre os seus dois companheiros. Perto d'ele estava Clara Heydt, com os olhos cerrados no chão.

— Há ocasiões sr. Juiz, em que a justiça tem de deixar de ser rígida e severa para atender às circunstâncias em que muitas vezes um crime é praticado. Há uma jovem senhora que não sabia como obter o necessário para prover ao sustento da sua pequena família, pois que o seu modesto logar de pianista raras vezes lhe dava o estricamento necessário. Resolveu-se numa das ocasiões de maior angustia a vender uma pulseira, uma recordação de família. Como tivesse que ir daí a poucos dias acompanhar ao piano a grande cantora lady Astor dirigiu-se ao estabelecimento do joalheiro na intenção de aí vender a joia de que falei.

«Entrou. Um indivíduo elegantemente vestido comprava objectos no dito estabelecimento. Quási ao mesmo tempo entravam diversas damas da nossa melhor sociedade e de modo que o dono da casa se viu obrigado a deixar tudo para as servir. Ninguém notara a jovem de que falei. Esta vira posto a um canto um magnífico broche. Tivesse hesitado mais um segundo e o seu bom anjo tê-la ia impedido de praticar um crime. Mas infelizmente não foi assim. Só pensava na miséria pavorosa da sua família... Pegou no broche desapareceu.

«Esta menina trouxera da sua casa uma amostra de renda na intenção de a procurar nos armazens da especialidade e poder assim fazer um cabeção que lhe permitisse ir decente ao concerto de lady Astor. Quando roubou o broche porém perdeu a amostra. Mas possuía uma segunda por meio da qual a própria lady Astor lhe mandou fazer o cabeção.

Mas aquela joia queimava-lhe as mãos. Teve-a em sua casa por espaço de dois dias durante os quais foi atormentada por todas as fúrias infernais. Por fim resolveu-se a enviá-la ao joalheiro depois de a ter selado. E o dono tê-la-ia recebido se não metesse de permeio

um acontecimento que veio mudar tudo por completo. Miss Heydt lhe contará agora como isso foi.

Os olhos do juiz fixaram-se na jovem. Esta começou com a voz tódá velada pelas lágrimas.

— Ao deixar a ourivesaria encontrei-me com o sr. Crofton, um cavalheiro que já por varias vezes me fizera a corte e pedira a minha mão a qual eu lhe recusei. Entrou no momento em que eu saia e deu-me a perceber que sabia tudo, porque primeiramente estivera observando pela montra e o que os outros não tinham visto pudera-o êle ver perfeitamente.

Apareceu-me no dia seguinte e apresentou-me a seguinte alternativa; ou consentia em ser sua esposa como êle há tanto desejava, ou divulgava o seu segredo e dizia a minha mãe que sua filha era uma ladra.

Opuz-lhe uma resistência desesperada mas isso de nada serviu. Foi então que contei tudo a um homem que sempre me auxiliára embora fôsse também pobre. Esse indivíduo era Fred Buller, e disse-me o seguinte.

— Envie o broche imediatamente.

Foi o que fiz dando o pacotezinho ao sr. Crofton pedindo-lhe que o deitasse no correio. Mas soube depois que êle ficára com o broche e compreendi que nenhuma possibilidade havia de me salvar, senão consentindo em ser esposa de Samuel Crofton jurando-me êle que guardaria eterno segredo e que a minha pobre mãe não teria nos seus ultimos dias o terrível desgosto de saber que a filha era uma criminosa. Escrevi ao meu bom amigo, pedindo-lhe que me esquecesse, o que deu em resultado o pobre mancebo tentar contra a vida do meu algoz. Mas antes tentára êle já roubar a maldita joia a Samuel Crofton penetrando em casa d'êle por arrombamento e conseguindo apoderar-se dela. Mas eu só soube isso muito tarde! Já nada podia fazer. E resumindo sr. Juiz: o pobre rapaz está inocente de tudo quanto o accusam e se é preciso que o haja uma expiação, então que seja eu quem sofra.

O Juiz tocou a campainha. Abriu-se uma porta disfarçada na tapeçaria da parede e Fred Buller entrou acompanhado por dois policías. Estava muito pálido, a face caída e os cabelos em desalinho.

— Buller, senhor ouviu tudo por detrás dessa tapeçaria. Confirma tudo o que aqui se disse?

— Sim, senhor juiz! Mas se algum tem de sofrer um castigo, que o sofra eu só pois que esta pobre menina está inocente, e visto que a rígida lei assim o ordena...

— Somos funcionários da justiça, mas também somos homens, e o senhor tem no sr. Holmes um poderoso defensor cujos desejos não podem deixar de ser escutados por o juiz de instrução!

E inclinou-se. O caso estava arrumado.

Cá fóra Clara Heydt precipitou-se nos braços de Fred Buller.

— Como é que tiveste coragem para tanto? Era demasiado sacrifício!...

— Ha por acaso, sacrifícios demasiados quando se trata de amor? perguntou docemente e ao mesmo tempo que juntava:

Poderemos agora realizar aquilo que tanto desejamos?

Ao ouvir estas palavras a jovem voltou-se para Sherlock.

— Esqueci-me de lhe entregar uma coisa sr. Holmes. O senhor pediu-me que lhe fôsse levar uma carta ao Banco de Inglaterra e lá entregaram-me duzentas libras.

Sherlock Holmes sorriu.

— Peço-lhe que as aceite como sendo o meu

presente para o seu casamento e fique certa que tudo farei para que de hoje em diante nunca mais o sr. Buller se veja em más circunstâncias.

Fred Buller precipitou-se para Sherlock e apertou-lhe com ambas as mãos a mão direita. Quando a Miss Heydt essa apertava as mãos no seio como que querendo reprimir as pulsações do coração.

— Será verdade tudo isto?... Não será um sonho?

Mas o polícia afastou-se discretamente acompanhado pelo discípulo. Atraz dêle porém pôz-se a correr o inspector.

— Dê-me cá a sua mão, mestre!

Sherlock estendeu-lhe a mão e Snatterbox apertou-a com força e cordealmente.

— Era uma necessidade que eu tinha de apertar a mão a um homem de bem, a um homem ás direitas:

E afastou-se.

Harry Taxon meteu as mãos no bolso dizendo:

— Espantoso tudo isto! Pode-se dizer que esta foi a maior vitória que Snatterbox alcançou sobre si mesmo vindo-lhe dizer o que lhe disse, meu querido mestre!

FIM

Leiam no próximo número:

A amante do Príncipe

Todos os livreiros, editores e casas comerciais não devem esquecer este numero telefone da

2 1622

IMPRENSA BELEZA

RUA DA ROSA, 99 a 107
LISBOA — PORTUGAL

AVENTURAS PUBLICADAS:

TEXAS JACK

O TERROR DOS INDIOS

Publicados os numeros de 1 a 28

Publicação semanal ao preço de **\$80 centavos**

SIR FANTASM

O LADRÃO DE LUVA BRANCA

- 1 — O crânio fascinador
- 2 — A' caça de uma fortuna
- 3 — O falsificador de brilhantes
- 4 — Um roubo atrevido
- 5 — A mistificação do inspector
- 6 — O ladrão roubado
- 7 — O principe indio
- 8 — A ameaça regia

- 9 — O caçador caçado
- 10 — Uma série de roubos
- 11 — Os refens do joalheiro
- 12 — A confidencia de Sir Fantasm
- 13 — O auxilio de um ladrão
- 14 — Uma sessão de espiritismo
- 15 — As joias do Czar

Ao preço de **\$50** cada número

STOERTE BECKER

UM CAPITÃO DE 18 ANOS

Esta obra consta de duas séries, sendo o seu preço de **15\$00** cada série

Atendem-se todos os pedidos, vindo estes acompanhados da respectiva importancia.

Redacção e Administração : RUA DA ROSA, 105 — LISBOA